

MOVIMENTO

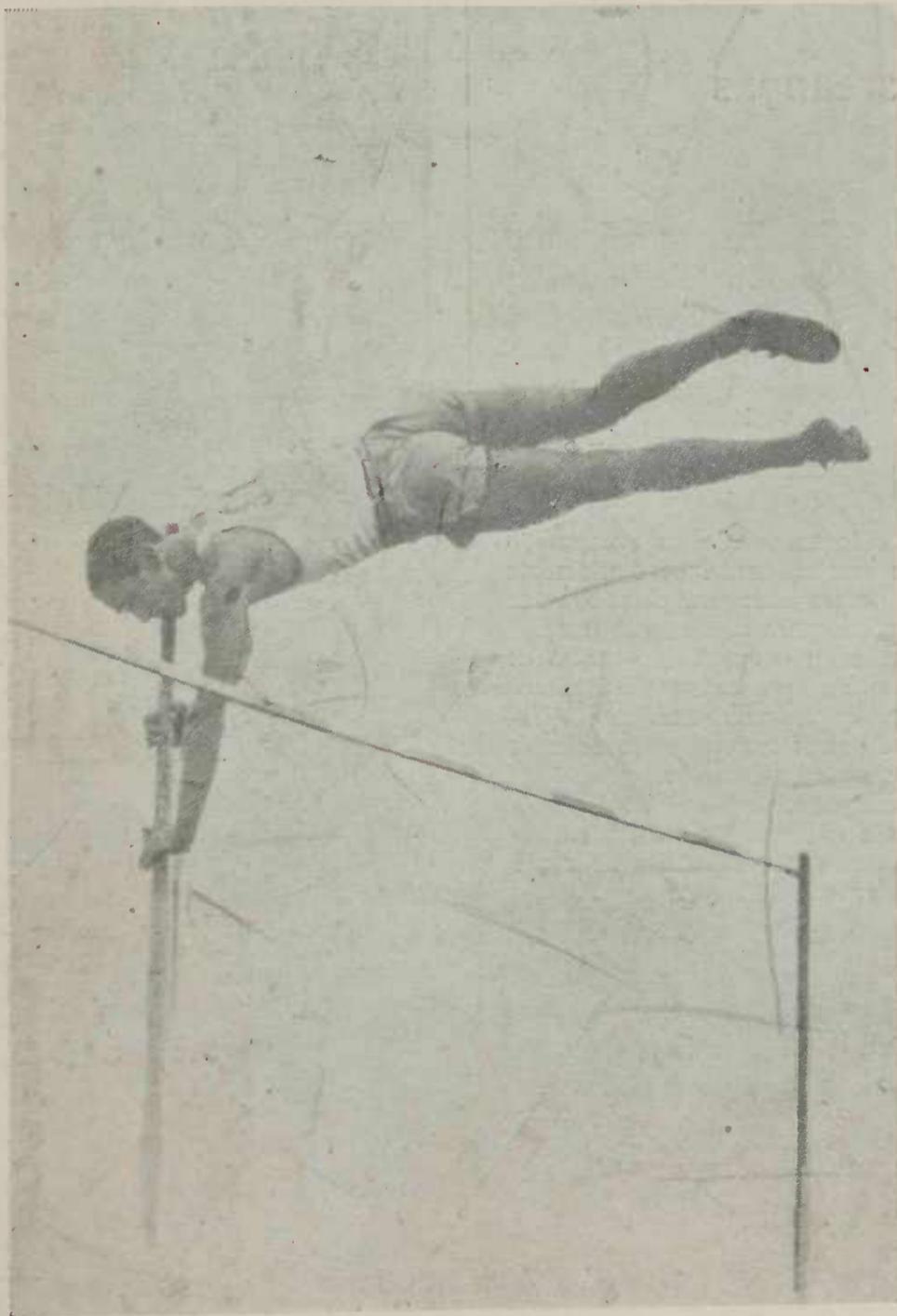
BRASILEIRO

SEGUNDO ANNO

Numero 16

Director:

RENATO ALMEIDA



O SALTO

ABRIL

PREÇO — 1\$000

RIO DE JANEIRO

A' Collegial

Uniformes e enxovaes para
todos os collegios: a maior
casa em vestuarios para
creanças

Largo de S. Francisco,
38 / 40

LIVROS

NOVIDADES

<i>Lemos Britto</i>	
As leis de Menores no Brasil (Paginas de critica e de doutrina)	20\$000
<i>Vilhena de Moraes</i>	
O Gabinete Caxias e a amnistia aos Bispos na "Questão Religiosa"	10\$000
<i>Ronald de Carvalho</i>	
Estudos Brasileiros	6\$000
<i>Christovam de Mauricéa</i>	
Anthologia mystica de poetas brasileiros . .	5\$000
<i>Furtado de Mendonça</i>	
Denunciação de Pernambuco (1593-1595) . .	30\$000

F. BRIGUIET & C.^{IA}
EDITORES
38, RUA S. JOSÉ
Caixa Postal, 458
RIO DE JANEIRO

Nas grandes cidades devido ao excesso de trabalho physico e mental, perdemos diariamente grande parte das nossas energias, deixando-nos muitas vezes sem acção para continuar a lucta.

Precisamos estimular o organismo contra os estados morbidos, que são a causa da *fraqueza geral, neurasthenia, esgotamento nervoso, affecções pulmonares*, e outras molestias provenientes dos estados *depressivos e adynamicos*.

Isso só se consegue com o uso do "PLAS-MOL", cuja efficacia milhares de medicos attestam como sendo a medicação especifica de acção rapida nos casos supra citados.

PLAS MOL

Tonico recalificante e remineralizador organico

Base: Calcio, Arsenico, Phosphoro,
Nucleinato de Sodio, Vitaminas,
Thyocol, Kola, etc.

PHARMACIA HEITOR SAMPAIO

Rua Evaristo da Veiga, 30 — RIJ

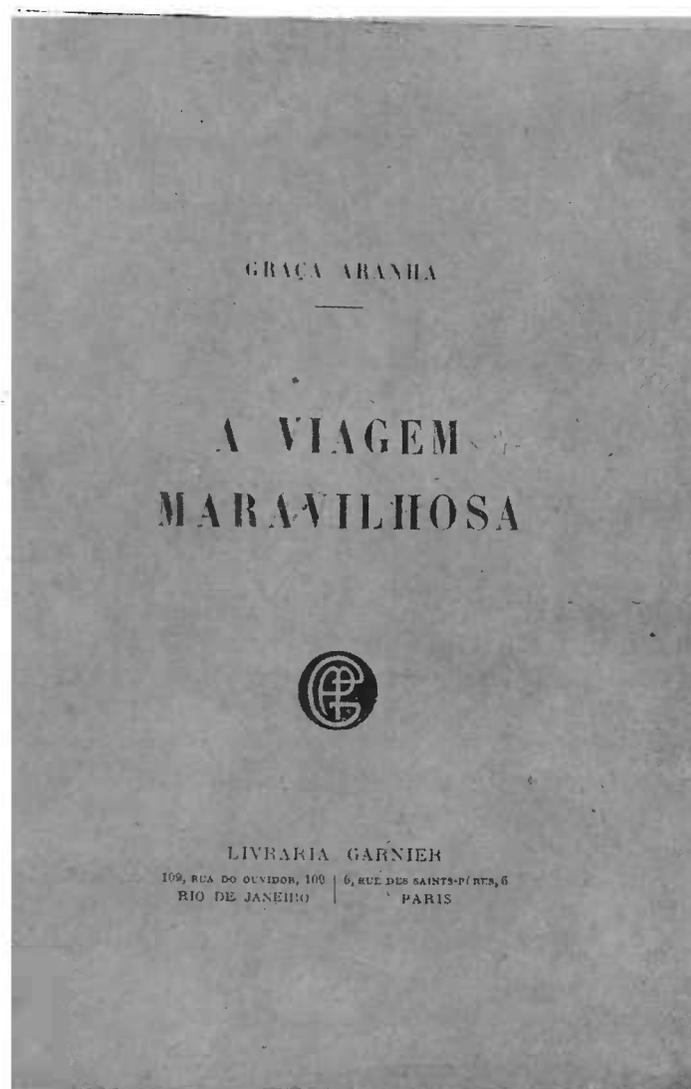
TYPOGRAPHIA

A. P. BARTHEL

Rua Sacadura Cabral, 143

Telephone 4-4317

R I O D E J A N E I R O



Entre os romances immortaes de lingua portugueza, *A Viagem Maravilhosa*, de Graça Aranha, permanecerá como o documento mais profundo e mais humano da literatura brasileira.

MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

SEGUNDO ANNO

Numero 16

Director :

RENATO ALMEIDA

O ASSALTO

ROQUETE PINTO: MORIZE

A TERRA DE CHANAAN A GRAÇA ARANHA

HILDEBRANDO ACCIOLY: A CONFERENCIA NAVAL DE LONDRES

MARIO DE ANDRADE: A NEGRADA

TEIXEIRA SOARES: D. H. LAWRENCE

JOSÉ MAURICIO

REPERTORIO

REDACÇÃO:

R. D. MANOEL, 62

ASSIGNATURA ANNUAL

BRASIL — DEZ MIL REIS

Exterior — Dois dollares

TYPOGRAPHIA DO ANUÁRIO DO BRASIL

Movimento Brasileiro

ANNO 2 — N.º 16

ABRIL — 1930

O ASSALTO

REPETE-SE com *A Viagem Maravilhosa* de Graça Aranha, o que acontecera, em 1902, com *Chanaan*. Ao apparecer este livro apresentado calorosamente pelo «Jornal do Commercio», enquanto todos o aceitavam com entusiasmo e emoção, vieram os criticos sentenciosos, picados de inveja, para arrazar o romance. Os argumentos se atropelavam: não era bem um romance, Milkau poder-se-ia ter casado com Maria, ou deveria ter sido preso por tel-a libertado da prisão... Outros, intrigavam o autor e, attribuindo-lhe o que diziam certos personagens, apontavam-no como inimigo da Patria. Da tribuna do Senado foi pedida ao governo a demissão de Graça Aranha do Corpo diplomatico e um deputado proferiu tres longos discursos para combater o livro. Depois desse esforço inaudito, *Chanaan* continuou a ser um dos grandes livros na nossa literatura e ainda hoje, muitos moços sabem trechos de cór e os recitam emocionados. E era uma estréa. Com *A Viagem Maravilhosa*, o assalto foi mais violento ainda. O triunfo espantoso, a impressão formidavel no publico, que mantem vivo o debate, num periodo sufficiente para que muito livro desapareça, mesmo subscripto por nomes em evidencia, tudo isso suscitou um despeito insopitavel. E a discussão baixou, o tom, a veemencia tornou-se personalismo, quando não intriga e perfidia.

Se o romance de Graça Aranha já mereceu artigos excepcionaes e homenagens das mais significativas, por isso mesmo, uma offensiva de violencia explodiu, tentando, pela negação, destruir uma obra, que já marcou definitivamente a nossa literatura. Está claro que, sendo um livro em que se propõem problemas dos mais serios e actuaes, sem que o Autor se apressé em lhes dar soluções, contentando-se com indicá-las, estava destinado a levantar uma grande discussão. O livro é um profundo excitador de idéas. Apenas, a intenção philosophica se apresenta clara, dentro do systema do mestre. Intencionalmente, não quizeram ver isso muitos dos seus criticos e accusaram Graça Aranha de deturpar a consciencia nacional, de inimigo do paiz, do exercito, das elites, do sport, e de affirmar que

tudo aqui é miseravel e ignobil. Ora, Graça Aranha traçou um quadro da actualidade brasileira e tudo quanto dizem seus personagens reflecte conceitos expressos na imprensa, nos livros, no congresso, em toda parte. Serão muitos delles apaixonados, mas não são as figuras triviaes e amorphas que pódem constituir os tipos de um romance.

Outro processo é o de extrair trechos do que affirmam esses personagens e attribuil-os ao romancista. Assim, já houve um jornal que até expressões de Radagasio levou-as á conta de Graça Aranha! Esse artificio de má fé mostra bem que os proprios personagens mais exaltados não foram muito crueis no quadro que descreveram. Por exemplo, a expressão *negrada do exercito*, tantas vezes referida, como sendo uma offensa do A. ao exercito, está na bocca de um revolucionario, que naturalmente não se referiria a elle lisonjeiramente.

E' a vingança de Radagasio! Quando não póde vencer trapaceia e, diante da resistencia do livro a toda critica seria e serena, investiram violentamente contra a obra, truncando, falseando, mentindo. *A Viagem Maravilhosa* é um drama de amor e só na interpretação philosophica dessa finalidade, é possivel discutir com o Autor. O mais será com os seus personagens, que falam livremente. Um livro revolucionario! Mas como, se a principal figura se afasta da revolução, julgando-a uma actividade inferior, diante do amor? E Pedro e Manoel, tambem ardentes revolucionarios, não abandonam essa solução politica, um, pela formação technica do paiz, outro pela revolução economico-social?

Se ha todas essas preocupações no livro, apresentadas para que nellas se medite, aceitando ou repellindo-as, a sua intenção é philosophica e a sua maior grandeza está na obra de arte. O processo moderno da composição desnorteiou muita gente e, incapazes de comprehendê-lo ou senti-lo, limitaram-se a negar. Não viram, não puderam ou não quizeram ver o que ha-de novo e de complexo. Organizaram o assalto. Inutil. *A Viagem Maravilhosa*, como *Chanaan*, viverá para gloria da nossa literatura.

MORIZE

ROQUETTE PINTO

Ha justamente trinta annos...

Alvaro Ozorio de Almeida — que foi, desde o começo, um leader do nosso curso de medicina, fez o preconico das aulas de Morize, na Polytechnica. E como em Santa Luzia as lições de fisica eram só teoricas, e raras experiencias chegavam ao fim decentemente, uns tantos condiscipulos do Alvaro rumaram para o amphitheatro do Largo de S. Francisco acompanhar o curso de Morize. Eramos uma meia duzia de *morticolas*, perdidos entre os *anexins*, nome que, naquela escola, davam aos calouros, os veteranos: Ozorio, Carlos Guinle, Mauricio Gudin, Oscar Pinto de Carvalho, Tito Barroso de Araujo.

Muito alto, magro, olhar vivo, e meigo: Morize. Palavra facil, muita clareza, frequentes laivos de humorismo delicado, pronuncia francamente paulista. Dedicacão e entusiasmo. O gesto, as figuras esquematicas, os calculos no quadro negro, as demonstracões praticas, numerosas e limpas, novidades da sciencia em que os compendios ainda não falavam, excitando a curiosidade dos rapazes, e subjugando a atencão de todos... Era assim aquele mestre, bom e sabio, que atrahia, para o seu curso, alumnos de outra escola.

Henrique Morize nasceu em Beaune (Cote d'or) — França, a 31 de Dezembro de 1861.

Chegou ao Brasil aos quatorze annos, acompanhando sua tia, Mme. Henry, que foi mais tarde proprietaria de uma grande e conhecida casa commercial do Rio de Janeiro.

Pobre, era preciso que Morize trabalhasse. E, em S. Paulo, o seu primeiro emprego foi um posto humilde no balcão da livraria Garraux. A companhia dos livros deve ter influido para animar a ancia de saber que foi um dos mais

indisfarçaveis caracteristicos da sua personalidade. Fez naquela cidade os seus estudos secundarios e matriculou-se na Polytechnica do Rio, principiando, por esse tempo, a trabalhar no Observatorio Astronomico, dirigido por Luis Cruls.

Em 1889 collaborou no excellente volume *Le Brésil*, escrevendo a monografia classica sobre o clima deste paiz, trabalho que ampliou no Diccionario editado pelo Instituto Historico em 1922.

A TRANSFERENCIA DA CAPITAL DO BRASIL

Proclamada a Republica, o Governo Provisorio, todos sabem, resolveu dar os primeiros passos para a transferencia da Capital. Tratá-se de uma velha ideia levantada em 1808 por Hippolito da Costa, no *Correio Braziliense*: «O Rio de Janeiro não possui, escrevia elle, nenhuma das qualidades que se requerem na cidade, que se destina a ser a Capital do Imperio do Brasil; e se os Cortezãos que para ali foram de Lisboa tivessem assaz patriotismo e agradecimento pelo paiz que os acolheu, nos tempos de seus trabalhos, fariam um generoso sacrificio das commodidades e tal qual luxo que podiam gozar no Rio de Janeiro, e se iriam estabelecer em um paiz do interior, central e immediato ás cabeceiras dos grandes rios, edificariam ali uma nova cidade, começariam por abrir estradas, que se dirigissem a todos os portos do mar...»

José Bonifacio, Porto Seguro e outros adoptaram o ponto visto de Hippolito da Costa. Mas foi a Republica que deu o primeiro impulso pratico, nessa materia, fazendo delimitar o *Districto Federal* pela Commissão Exploradora do Planato Central do Brasil, em 1892, sob a direcção de Cruls. Os seus astronomicos, além do Chefe, eram Oliveira Lacaile e Henrique Mori-

A Terra de Chanaan a Graça Aranha

O Governo do Espirito Santo e numerozo grupo de intellectuaes desse Estado, querendo prestar uma homenagem a Graça Aranha, que no *Chanaan* immortalizou esse maravilhoso pedaço do nosso territorio, convidou-o a visitar, brevemente, o Espirito Santo e assistir a varias inaugurações, inclusive de um monumento do Mestre, que se collocará no alto do «Valle de Chanaan», banhado pelo rio Graça Aranha. O programma é o seguinte: I — Hospedar Graça Aranha a convite do Governo; II — Chegada á Victoria e visita ás obras do porto e melhoramentos daquelle capital; III — Excursão á Villa Velha, visita ao Convento da Penha, a Piratininga e á Praia da Costa; IV — Em Santa Leopoldina: inauguração da placa das Escolas Reunidas «Graça Aranha» e das de uma rua da cidade, falando o escritor Saul de Navarro; V — Santa Theresa; inauguração da placa da Avenida Graça Aranha, falando Orlando Bomfim, e inauguração do monumento com um busto de Graça Aranha,

no alto do Valle de Chanaan, falando o Presidente do Estado, Dr. Aristeu Aguiar; VI — Em Collatina: visita ao rio Graça Aranha e inauguração da placa da rua Graça Aranha, falando o deputado Xenocrates Calmon, e á noite, encerramento, das homenagens, com um banquete na Prefeitura, falando o dr. Atilio Vivacqua.

A Commissão promotora dessas homenagens, que tanto dignificam o estado do Espirito Santo, no tributo desinteressado a um dos maiores escritores da lingua portugueza, tem como presidente de honra, o Sr. Presidente do Estado, dr. Aristeu de Aguiar, e, como presidente effectivo, o dr. Atilio Vivacqua, secretario da Instrucção. O seu secretario é o escritor Saul de Navarro, que na sua ultima viagem a esta capital, transmittiu a Graça Aranha o honroso convite para visitar aquelle estado, assistindo ás homenagens que lhe serão tributadas. O monumento a Graça Aranha será feito pelo escultor Pinto do Couto.

ze. A lista dos companheiros de Cruls é brilhantissima: Eugenio Hussak, Ernesto Ule, Alipio Gama, Tasso Fragoso...

A Henrique Morize, além dos trabalhos geodesicos da Turma S E, coube o serviço photographico da Expedição.

Poucas vezes no Brasil tem-se conseguido uma documentação iconografica tão linda, qual a collecção de fotografias de Morize no grande volume da *Commissão do Planalto*.

MORIZE, ORGANIZADOR DOS NOSSOS ESTUDOS DE FIZICA EXPERIMENTAL

Ao entrar para o corpo docente da sua velha escola, Morize encontrou a fizica experimental apenas ensaiando o surto... E' sabido que desde o começo do seculo XIX a pratica desta sciencia, e da chimica, tinha sido iniciada, no Rio, por Frei Leandro. Em Dezembro de 1824

sob a direcção do Dr. João da Silveira Caldeira, fundava-se, no Museu Nacional, um «laboratorio chimico e physico».

Frei Custodio Alves Serrão, em 1828 «lente cathedratico de chimica e physica» da Escola Militar e Director do Museu, depois de Caldeira, lutou quanto poudo pelo progresso do ensino de taes disciplinas. Mas a verdade é que o desastre historico da inauguração do telegrafo, episodio que não vale a pena recordar, mostrou que a fizica, no ensino superior, antes de Morize, no Rio de Janeiro, era divulgada apenas em discursos, talvez eloquentes e conselheiraes... Por isso eu mesmo escrevi algures que elle foi o fundador da fizica experimental neste paiz.

Mal surgia a novidade nos laboratorios europeus, e aos seus alumnos elle a apresentava, repetindo no Rio o recente milagre da sciencia. Assim foi quando Rontgen descobriu os raios X, assim foi quando Becquerel encontrou a radioactividade e os Curie acharam o Radium.

MORIZE NA DIRECÇÃO DO OBSERVATORIO ASTRO-
NOMICO. -- A VERIFICAÇÃO DA THEORIA DE
EINSTEIN

Successor de Luiz Cruls na direcção do Observatorio, Morize foi digno da grande herança e desde então o seu nome passou ao mundo; sabio, cercado de justo prestigio.

Ali não descansou emquanto não removeu o Instituto, então alojado em velha casa conventual do morro do Castello, para edificio proprio, construido na sua administração.

Trabalhos de fisica do Globo e de Climatologia interessaram grandemente o sabio mestre.

A elle devemos os primeiros ensaios, baseados em methodos modernos, para a previsão do tempo neste paiz.

Membro da Conferencia Internacional da Hora, obteve Henrique Morize que pelo telegrapho sem fio coubesse ao Observatorio do Rio de Janeiro transmittir o tempo, no Atlantico Sul.

O nome do mestre acha-se ligado a uma das mais brilhantes observações até hoje promovidas para a verificação da theoria da *Relatividade*. Einstein, quando foi recebido na Academia Brasileira de Sciencias, não se esqueceu de uma referencia ao episodio. Coube a Morize preparar em Sobral (Ceará) o posto de onde alguns sábios, elle inclusive, acompanharam o celebre eclipse solar de 29 de Maio de 1919, que forneceu dados dos mais importantes na comprovação das ideias de Einstein.

Não é preciso ser astrónomo, nem grande, nem pequeno, nem mestre de fisica, para tomar conhecimento do que se passou em Sobral...

Na theoria de Newton a luz é formada de corpusculos emitidos pela fonte luminosa. Na theoria de Maxwell, ao contrario, a luz não é formada de particulas materiaes: é resultante, das vibrações do *ether*, tal como o calor ou a electricidade, questão de frequencia das oscilações. Para Einstein, a luz deve ter *massa* e portanto *pezo*. A *massa* da luz corresponde á materia que ella contém; o *pezo* da luz representa a acção da *gravidade* sobre tal massa.

Na theoria da *gravitação* formulada por Einstein, o raio luminoso de uma estrella, ao

passar perto do sol, deveria ser atrahido, inflectindo-se na sua direcção, o que alias a theoria de Newton tambem indicava. Mas, de accordo com Newton, o raio luminoso deveria inflectir-se de 0,75 (segundos de distancia angular); de accordo com Einstein, a inflecção seria de 1,75.

Quem tinha razão?

NEWTON OU EINSTEIN?

O eclipse de Sobral (Ceará) iria responder.

A discussão das ideias de Einstein estava apaixonando o mundo.

O resultado da observação era, como se vê, de importancia capital, vida ou morte da *Relatividade*...

A Sociedade Astronomica da Gran-Bretanha começou a preparar a *British Eclipse Expedition* antes da guerra. Emquanto a Europa, entre explosões de odio se ensaguentava, os astrónomos inglezes proseguiam nos preparativos da grande prova. A 29 de Maio de 1919 uma das commissões achava-se sob direcção do Dr. Eddington, na ilha do Principe, na costa occidental da Africa; outra, sob as ordens do Dr. Crommelin, era hospede do Brasil, em Sobral, onde Morize tude havia preparado para a eficiencia dos trabalhos.

Foram tomadas umas tantas fotografias do céu, durante o eclipse; e, dois mezes depois, outras chapas da mesma região celeste, foram obtidas. Já então o sol andava longe daquelles lugares sideraes, e não podia mais influir na direcção dos raios das estrellas consideradas.

Na reunião da Royal Society, a 6 de Novembro de 1919 foram publicados os resultados: o desvio foi de 1.98, nos documentos de Sobral; nas da ilha do Principe, 1.62. A média dos desvios foi 1,80.

«Einstein havia anunciado 1,75; Newton teria dito 0,75. Os cientistas ortodoxos teriam predito 0» (Harrow).

Crommelin e Einstein, assim como todos os sabios que trataram com Morize, ficaram seus amigos, venerando o seu saber e as suas qualidades pessoaes.

A Conferencia Naval de Londres

HILDEBRANDO ACCIOLY

Chegou afinal ao seu termo a Conferencia naval de Londres, na qual tanta esperança depositaram os sonhadores da paz. Chegou ao termo, sem que verdadeiramente tenha registado nenhum resultado apreciavel.

Foi uma decepção para muita gente. Decepção para os que candidamente imaginam que o reinado da paz resultará de uma Conferencia de desarmamento. Decepção para o contribuinte inglês, que vai continuar a gemer sob' o peso de um orçamento naval formidavel. Decepção para o Sr. MacDonald, que sonhava com um éxito capaz de galvanizar a situação periclitante do governo trabalhista. Decepção para o presidente Hoover, que, segundo as apparencias, imaginava vencer facilmente a partida.

Agora é chegado o momento de se apurarem as responsabilidades do mallogro. Falta de pre-

paração da Conferencia, allegam uns. Intransigencia da Italia, dizem outros. Ambição de prestigio da França, concluem apressadamente alguns. E a controversia continúa, sem que se chegue a accôrdo quanto á causa ou causas verdadeiras do fiasco.

Quanto a nós, não temos duvida de que, fôssem quaes fôssem os resultados da Conferencia, o problema da paz pouco teria avançado com ella. Porque, de facto, conforme já tivemos oportunidade de dizer, a solução desse problema depende muito mais de factores moraes do que da redução ou limitação dos armamentos.

Seria, no entanto, possível alcançar-se éxito relativo nesta esphera limitada, se as grandes potencias, dando tréguas ás suas ambições e rivalidades, quisessem estabelecer um systema

MORIZE, E O ESFORÇO PELA NOSSA CULTURA

Em 1916 fundava-se, no Salão Nobre da Escola Polytechnica, a Academia Brasileira de Sciencias. Morize era dos mais velhos, entre os cientistas presentes. Parecia o mais moço, tão grande era o seu desejo de ver os estudiosos, nos diversos campos, entrar em contacto, mais directo, rompendo o que elle chamava «os compartimentos estanques» que no Brasil difficul- tam o progresso da cultura.

Finalmente, em 1923, um dos seus discipulos mais humildes e mais dedicados procurava-o para pedir-lhe que tomasse a dianteira num grande movimento civilizador, que seria a pratica da radiotelephonia educadora. Mal terminada a exposição do plano idealizado, e o velho mestre, no seu gabinete de São Januario, erguia-se comovido, abraçando o seu discipulo. Desde aquelle instante, foi o guia magnifico de uma cam-

panha civica, ora triumphante, culminada na fundação da *Radio Sociedade*.

Agir junto ao Governo, para obter que velhas leis prohibitivas da pratica do T. S. F. fossem revogadas, influir por todos os meios, com o seu prestigio scientifico e social para que o grande sonho se realizasse — um outro exemplo de desinteresse pessoal e grande amor ao Brasil que Henrique Morize offereceu a este paiz.

Esperada embora, ha muitos mezes, a morte do mestre bom e sábio, ella suscita no coração dos que o conheceram, mórmente no dos que gozaram a influencia do seu grande espirito, uma onda de carinho pela sua memoria.

Os eruditos hão de encontrar sempre o seu nome nos trabalhos que elle deixou. O povo humilde da minha terra não esquecerá jámais o que elle fez pela sua educação.

Nós, seus companheiros, havemos de ter ao nosso lado, o resto da vida, a infinita saudade dos seus conselhos e da sua estima.

de garantias mutuas. Effectivamente, os factos demonstram que o desarmamento é função da segurança reciproca das nações. Estas só consentirão em desarmar-se quando tiverem o sentimento de que poderão viver em paz, sem a ameaça de conflictos que ponham em risco os seus bens, a vida do seu povo, a sua propria existencia.

O famoso pacto Kellogg foi inquestionavelmente um bello gesto de pacifismo. Mas, sem obrigações nem sancções, não passou de um gesto, sem consequencias práticas. O conflicto russo-chinês provou bem que delle não poderá resultar o sentimento de segurança, sem o qual não se poderá falar seriamente em reducção de armamentos.

Na Conferencia que se findou, parece que se esqueceu essa verdade: no convite de convocação, lançado pelo Sr. MacDonald em começo de Outubro de 1929, foi indicado como base, como ponto de partida da Conferencia, justamente aquelle fragilimo pacto.

Depois, adoptou-se um methodo de trabalho que, evidentemente, não seria dos mais propicios a um accôrdo entre as cinco potencias participantes da Conferencia, methodo baseado no estabelecimento de proporções mathematicas entre as marinhas das referidas potencias.

Primeiro que tudo, essa preocupação de proporções dá a impressão de que se teve em vista, principalmente, garantir a hegemonia anglo-americana. A questão da limitação da tonelagem por categorias tendia claramente a assegurar tal hegemonia, já consagrada, no tocante aos *capital-ships*, na Conferencia de Washington, de 1921-22. Estendê-la agora ás demais categorias de navios de guerra seria garantir a pretendida superioridade, por preço muito commo.

Ora, em que se funda a tal proporção? Quaes os elementos para o seu calculo? Toda a gente percebe que este é puramente arbitrario. Por que motivo, por exemplo, a paridade entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da America? Será porque as necessidades reaes de defesa da primeira sejam identicas ás dos ultimos? De modo algum. Nem se cogitou de comparar taes necessidades, que parecem bem mais elevadas do lado britannico. O motivo verdadeiro foi ape-

nas este: os Estados Unidos querem e podem ter uma marinha igual á da Grã-Bretanha. E, se quisessem, poderiam tê-la superior, de sorte que á velha Albion vale mais concordar com a paridade, do que resistir a ella. Tanto mais quanto o accôrdo evitará ou adiará a discussão do problema da liberdade dos mares...

Passemos ao caso do Japão. Concedeu-se-lhe em Washington a proporção de 3 para 5, em relação ás duas maiores potencias. Houve algum criterio preciso para o calculo? Não: o numero escolhido foi tambem arbitrario. Apenas, o Japão, que em 1914 possuia esquadra inferior á da França, conseguiu, depois da guerra, pôr-se em terceiro lugar, e isto lhe permitiu obter uma collocação entre a Inglaterra e Estados Unidos e a França e Italia. Tão desarrazoada parece ter sido a proporção que, agora, elle reclamou outra não menos arbitraria: 3 1/2 por 5 ou sejam 70%.

Quanto á França e á Italia, não foi difficil aos mais poderosos comparsas da Conferencia de Washington impor-lhes Algarismos ainda inferiores, isto é, uma proporção de 1,67 para 5, em relação aos Estados Unidos e Grã-Bretanha. A situação financeira das duas, pouco depois da grande guerra, era positivamente precária e ambas se viram obrigadas a curvar-se ante a vontade dos credores poderosos. Depois, as respectivas esquadras estavam, relativamente, bastante reduzidas. O que se não comprehende bem é porque uma e outra foram collocadas em pé de igualdade.

Foi isto grave erro, e talvez, indirectamente, uma das causas do mallogro da actual Conferencia. De facto, a Italia, que, em 1922, obteve a paridade com a França, em *capital-ships*, pretende agora estender essa paridade ás demais classes de navios, e não cede desse ponto de vista.

Tem razões accetaveis para isto? Parece que não. Se não vejamos.

A França possui costas maritimas que têm um desenvolvimento superior a 18 mil kilometros; ao passo que as da Italia talvez não passem de 8 mil kilometros. A marinha mercante da primeira é superior, em numero de navios e em tonelagem, á da segunda. O imperio colonial francês, que é o segundo do mundo, repre-

enta uma superficie de 11 milhões de kilometros quadrados, com 60 milhões de habitantes, enquanto a da Italia attinge apenas um milhão de kilometros quadrados, com menos de 2 milhões de habitantes. A extensão das linhas de comunicações da França com as suas colonias é calculada em 34 mil milhas marítimas, ao passo que, relativamente á Italia, tal extensão talvez não passe de 5 mil milhas. O commercio exterior e o movimento marítimo da primeira são muito superiores ao duplo dos da segunda.

Nem sequer as duas esquadras estão equilibradas. A francesa sempre foi muito superior á italiana, em tonelagem e em numero de navios. E ainda ultimamente, em fins de 1929, a tonelagem global da primeira, em serviço, elevava-se a 525.607 toneladas, enquanto a da segunda não chegava a 300.000 toneladas.

A França tem, aliás, outro grande argumento, para não admittir a pretendida paridade: é que, com frente sobre tres mares, com a extensa solução de continuidade, entre as suas costas, representada pela península iberica, e com a possível ameaça de Gibraltar, difficilmente poderá ella concentrar, em caso de guerra, toda a sua esquadra. A sua vizinha não terá a mesma difficuldade: a esquadra italiana está toda no Mediterraneo. Assim, a paridade seria, na realidade, a inferioridade da primeira, neste mar, onde são tão grandes os interesses da França, pois toda a gente sabe que para esta é vital a segurança das communicações com as suas possessões da Africa do Norte.

Mas, a Italia, por sua vez, poderia argumentar com o precedente da Conferencia de Washington. E talvez o tenha feito. Se tudo é arbitrario, por que não continuar na prática ali adoptada?

A França, porém, já não está na mesma situação de fraqueza e depauperamento economico e financeiro em que se encontrava em fins de 1921. E, naturalmente, reagiu. Tinha motivos para fazê-lo? Sem duvida. Basta considerar que, entre as grandes potencias, nenhuma haverá mais cercada de ameaças do que ella. De um lado, a Allemanha, com o espirito de *revanche* e um potencial de guerra ainda colossal. Do outro lado, a Italia fascista, ansiosa

por glorias militares e com as vistas voltadas para a Tunisia, para Nice e a Saboia.

Nenhum país na Europa terá menos pruridos bellicos do que a França. Não que o seu povo seja fundamentalmente pacifista. Mas, nenhum outro soffreu tanto com a grande guerra, nenhum viu mais de perto os seus horrores, e, nestas condições, nenhum outro poderá desejar menos a volta de tal espectáculo. Por outro lado, não podem animá-lo ambições territoriaes, pois não existem para isto razões historicas ou demographicas.

Seria facil, aliás, prever-se que attitude manteria a França, na Conferencia. O seu Governo a expôs claramente, no memorandum de 26 de Dezembro ultimo, entregue ao Governo britânico e communicado aos de Washington, Roma e Tokio.

Foi erro, portanto, querer subordinar tudo ao criterio das proporções mathematicas.

A Conferencia parece que só muito tarde comprehendeu o seu engano, e tentou chegar aos seus fins por meio de um pacto de segurança. Mas, segundo as noticias que nos chegaram, os termos desse pacto eram tão frageis que elle não foi por diante.

Só restou á Conferencia um recurso, que ao menos servirá para salvar as apparencias: foi um accôrdo triplice, entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e o Japão, pelo qual, com a paridade entre as duas maiores potencias, se concedeu á terceira certa proporção, que a contentou, sem a minima ameaça para a preponderancia dos *big two*.

Com isto se dirá que se fez obra de paz e se entoarão louvores aos estadistas americanos, ingleses e japoneses.

Ainda há poucos dias, um jornalista nosso, aliás dos mais bem informados, censurava acremamente os Srs. Tardieu e Grandi, por se mostrarem irreductiveis, do mesmo passo que elogiava os Srs. MacDonald e Hoover, pela «alta comprehensão, que revelaram, dos seus deveres».

Esqueceu-se, porém, o illustre publicista do seguinte: muito facil seria, para os Srs. Hoover e MacDonald, accommodarem-se a uma situação destinada a assegurar aos seus respectivos países a hegemonia mundial...



A NEGRADA

(DO ROMANCE «CAFE'»)

MARIO DE ANDRADE

As sociedades de negros sempre deram entre nós o exemplo do desperdício moral e do chinfrim. Uma das mais curiosas foi a mantida muitos meses numa rua escusa da Barra-Funda. Fazia de presidente perpétuo um mulato da maior mulataria, baiano emigrado, com mais carnes e gordura que os quarenta anos da mulher argentina. Os «cavalheiros» que o ajudavam eram uma súcia de espertalhões criminosos. A sociedade parecia um baile mas se mantinha á custa de roubo. Ao contrário de todas as congêneres, as damas é que pagavam, tendo por compensação o direito de escolher cavalheiro prás danças e pra depois das danças. Não havia mensalidade estipulada nem

aceitavam sócia que não fosse criada. Nos dias de baile, elas entravam, e iam sentando. Procedia-se então á coleta. O presidente, acompanhado pelo segundo secretário e segundo tezeiro (os primeiros apenas escrituravam duma maneira policiavel os movimentos sociais), na frente duma mesinha coberta com um pano-de-chá muito fino, tocava num gongo de prata. A zoada parava e o orador oficial saudava o belo-sexo. Depois é que principiava o que êles chamavam a «dispensa» pra dançar. As damas vinham, uma por uma, e deixavam sobre as rendas da toalha, anéis, estatuetas, colheres de prata, gravatas, combinações, guardachuvas, broches, tudo. O dispenseiro vinha, arrebanhava os objectos, pra em

seguida o presidente encerrar a dispensa com um discurso de congratulações em que salientava o procedimento da «senhorinha» Rosalia que traxera um anel cabochão, a «senhorinha» Eloisa que se «dispensava» sempre com facas e garfos de prata, assim sim! mademuazéles que haviam de «se ilustrar pela dedicação á nossa Sociedade e a haviam de elevar apesar de tantos precarços da nossa vida contemporanea. Tenho dito».

Aliás estava se dando uma manifestação notavel entre a gente de raça negra no Estado e especialmente na capital: uma especie de sequestração meia inconsciente das outras raças. Iam rareando cada vez mais as uniões legais entre pretos e individuos de qualquer outra côr. Apesar da vastissima proporção de letões, arabes, estonianos, alemães, russos, polacos, sempre o italiano inda predominava aqui. Ora o italiano jamais demonstrara, mesmo vindo viver em terra americana, o mesmo alvoroço amoroso que portuguezes e franceses diante do corpo negro. Uma simples questão de tendencia fisiologica, parece, pois que, apesar de raros os casamentos entre pretas e italianos (o contrário inda era mais raro), não se criara nenhum preconceito de côr, capaz de preparar uma futura questão negra. Porém a sequestração vaga, obscura, não determinada mas real, ocasionara nos individuos de côr um por assim dizer isolamento sexual que os fez de novo se voltarem pra si mesmos e se reunirem em tribus, sociedades, companheirices que, embora sem a mais minima intenção de classe, de raça ou reivindicação social, se compunham exclusivamente de pretos. Um ou outro branco raro que se aventurava nessas rodas, a não ser que tivesse mesmo uma constancia prodigiosa de audacia, não conseguia sustentar-se nelas, principalmente porquê a negrada brasilica, bem aceita em qualquer meio e não sofrendo de nenhuma humilhação de côr, não alimentava o desejo de clarear a pigmentação. Eles mesmo blagueavam sobre a côr que tinham, desinteressados, sem amargura nenhuma se chamando de «jaboticabas». O branco não tinha nesses clans negros nenhum prestigio especial. Antes se via espesinhado como individualidade porquê a beleza e elasticidade fisica dos parceiros negros, a natural loquacidade viva destes, deixavam o branco aventurado nessas rodas, numa subalternidade enorme de brilhação.

É possível que o simples fenomeno visual da côr proporcionasse a êsse recrudescimento negro uma apparencia estrondosa que êle estava longe de ter na realidade estatistica, porém era incontestavel que o fenomeno desmentia a visão... optimista dos sociologos profetizando, pra breve o total desaparecimento da raça negra no Brasil. Os fatos paulistas faziam antes prever um apuramento novo da raça entre nós; e si de fato, como afirmavam os etnografos, o tipo negroafricano puero já estava mais que raro no pais, era possível imaginar que testemunhavamos a fixação dum tipo novo, o do negrobrasileiro puero.

Contra isso apenas vinha se opor, em dose que ainda não se podia garantir suficiente, a mudança de costumes que o tempo novo, o americanismo e a falta de organização tradicional dos negros, estava criando aqui. A liberdade de costumes afeta logicamente muito mais os ignorantes e sem tradição. Isso a gente notava muito entre os clans de negros paulistas, na grande maioria caídos numa promiscuidade, numa bandalheice social gosada mas traiçoeira. A religião que entre êles, sempre conservados na ignorancia, fôra apenas religiosidade supersticiosa fundamentada numa confusão de assombros catolicos e míticos, não prendia sinão muito poucos. Estes se resguardavam mais honestos sob a Confraria do Rosario, tendo á frente algum zumbí arranjado, com vasto correntão de ouro no colete. Nos mais a crença, quando inda existia, era apenas episodica, cedendo ao primeiro convite da vida.

O conceito de familia inda podia se dizer mais vago nesses descendentes de escravos, cuja unica familia fôra o senhor de que herdavam o nome. Nenhuma tradição de nenhuma especie defendia êsses pobres. E o que o mundo lhes mostrava de brilhante era a liberdade de maneiras, a ostentação combativa do corpo e do luxo, um intuitivismo sem lei. Assim, imitavam ridiculamente os brancos, exagerando naturalmente o que os patrões e os jornais mostravam; e o que nos brancos era ostentação, descambava neles pro mais irrisorio despudor, o que era intuitivismo em animalidade, a liberdade de costumes em bandalheira completa. Desaparecidos os tipos populares de bebidas macrobias, agora o que a gente via com frequencia eram pretas novinhas ainda, em plena

D. H. LAWRENCE

TEIXEIRA SOARES

O que distinguia, antes de tudo, D. H. Lawrence — cuja morte ocorreu, ultimamente, em Vence, no sul da França —, entre os melhores escriptores da literatura moderna ingleza, era o sentimento tragico da vida. Seria preciso dizer, para que esse conceito não se perdesse no vago que, melhor do que qualquer outro, Lawrence tinha esse sentimento exasperado da vida em profundidade. Os seres nos seus romances agitavam-se como creaturas marinhas nas profundezas oceanicas. O livre arbitrio lhes faltava. Elles existiam por qualquer coisa que se poderia comparar a um fatalismo atroz, perfido e

sombrio. Por isso, as suas figuras têm uma vida tão intensa, que julgamos que seja a nossa propria vida, com as suas raizes tentaculares lançadas sobre o solo, o passado, as tradições de toda a sorte. Quando elle publicou em 1912 o seu extraordinario *Filhos e Amantes*, Henry James, então no fastigio da sua gloria, saudou velementemente o escriptor que se lançava com um trabalho tão grande, hoje uma das obras primas da literatura ingleza do seculo XX. Seria descabido dizer que Lawrence tivesse sofrido a acção impiedosa dos russos. Que os lia, sabemos pelos seus preciosos ensaios. Não ha

rua bebadas, se encostando nos tranzeúntes com grandes risadas e convites. A brincadeira acabava no xadrêz, quando realisada em pleno dia, ou em fabulosas noites de gôso si, protegido pela condescendencia do escuro, algum mais safado as tomava pra si, aproveitando as inconscientes pra ir saber como eram certos passes menos pagaveis do amor.

Recrudescia com tudo isso o meretricio negro, dantes tão raro na circumspecta S. Paulo, em que sempre fôra pedra de escandalo um branco nacional de posição que, diziam, era apreciador de pretas. Negrinhas barateiras, de corpo alinhado e sempre limpo apesar delas preferirem o meretricio de rua, por mais semostrador e divertido que o de espera.

O lugar mais apreciado por elas eram os jardins do Anhangabaú. Jardins escurissimos em que a pessima iluminação paulistana inda se via estorvada pelas árvores baixas e folhudas, eram perfeitamente propicios ás negrinhas. Não que elas se envergonhassem de si, mas a escuraleza lhes protegia os amadores brancos que inda guardavam algum preconceito.

Por ali passavam muitos dos que bus-

cavam a praça Verdi pra se orientar nos divertimentos da noite. E da praça vinham muitos buscando as aventuras da noite. As negrinhas passeavam, passeavam num vagamundear galinaceo, passos irregulares, ritmo incomparavel. A' vezes era até a bárata vermelha que parava mais adiante. A safadinha nem apressava o andar. Fechando os ombros, num gesto elegante apertando com as mãos cruzadas a gola de pele do casaco, passando pelo motorista á espera, olhava com indiferença convidativa. Si chamada, vinha se debruçar na portinhola do auto, sabendo responder com voz arrastada e sem medo. A conversa era curta no geral, e a safadinha deixava-se raptar por pouco preço. Já sabiam de cór que automovel não queria dizer riqueza alguma.

Em noite de sábado principalmente, o Anhangabaú era um viveiro de contratos dêsses. El contrastava ironicamente com o luxo dele a qualidade dêsses contratos. Mas sempre regorgitava curiosissimo. E dele é que no curiangular do seu vôo curto, espraiava-se até a praça Verdi o rebotalho do meretricio e da vadiagem paulistana.

aqui um acto gratuito affirmando-se tal coisa, porque aquelle modo torturado de ver o mundo, aquelle pessimismo doentio, aquella introspecção exacerbada, que caracterizavam D. H. Lawrence, encontram os seus manadeiros nos grandes escriptores russos. Dos inglezes que influíram na sua formação (é preciso que se diga que Lawrence era filho de mineiros, e que fez a sua educação á propria custa), Meredith e Hardy não escaparam á argucia dos melhores criticos. O facto é que, desde o seu primeiro livro, Lawrence creou uma arte tão pessoal, que depressa o singularizou entre os seus pares. O seu estylo era imitado e inimitavel ao mesmo tempo: imitado nos defeitos e inimitavel na sua profundeza, na sua eloquencia poetica, na sua belleza radiante.

Apezar de fallecido aos 44 annos de idade, Lawrence foi atacado como poucos. Joyce causou sensação. *Ulysses* o impoz de repente, quasi. Lawrence, não, impoz-se desde o seu primeiro livro. Copioso, ao lado de coisas admiraveis, deixou obras imperfeitas. Mas, sentia-se que cada uma dellas, apezar das imperfeições, realizava um passo para a frente, na interpretação philosophica que Lawrence concebera do mundo e da criatura.

Imaginemos um homem constantemente perseguido por uma critica esteril, mesquinha e ridicula; imaginemos um escriptor encarcerado por causa das suas idéas; imaginemos um homem que, acima de tudo, acima dos seus soffrimentos, das suas privações, das suas ambições, collocou o amor á verdade, — e ahí teremos Lawrence. Homem vertical, sobranceiro, que preferiu passear pelo mundo inteiro o seu orgulho a deixar-se prender ao formalismo burguez e acanhado. Numa época que todos procuram ser ricos, embora transigindo com o publico, Lawrence preferiu ficar comsigo proprio. Uma concepção talvez um pouco mais elevada que a mediana; o que, entretanto, se tem por certo é que elle sustentou até o derradeiro dia esse character pugnaz da sua existencia.

Lawrence viajou por varias regiões do mundo, — Estádos Unidos, Mexico, Sardenha, Italia, **Espanha**, Allemanha, Austria — depois que

verificou que havia um antagonismo irremediavel entre elle proprio e o publico britannico. Era respeitado como um soberbo artista pelo escol das letras inglezas. Nascido em 1885 em Eastwood, perto de Nottingham, frequentou uma escola primaria. Seu pae, mineiro, queria que elle proseguisse nos estudos. Faltavam-lhe meios. Lawrence empregou-se para poder continual-os. Aos vinte e tres annos, era professor em Londres. Autodidacta. Tenaz e voluntarioso. Em 1914, casou com Frieda von Richthofen. Ultimamente, dividia o tempo entre o seu rancho no Novo Mexico, e a Italia. Não apparecia em Londres. A sua imagem de fauno era muito conhecida dos jornaes e revistas anglo-saxonias. Baixo, ruivo, de barbas compridas, pregava o retorno ou a integração do homem na vida natural. Toda a sua obra constitue um violento deflagar de instinctos revoltados. Achava que a civilização moderna pervertia o homem. Por isso, urgia fazer o retorno. Urgia fazer a integração definitiva do individuo no universo.

Ao lado de uma potencia creadora de figuras, Lawrence procurou imantal-as sempre por meio dos dictames dessa philosophia. Ahí está o mysterio poderoso dos seus romances. Ahí se encontra o sortilegio magnifico da sua arte.

E' difficil dizer quaes os melhores livros de Lawrence. Elle deixou uma grande producção litteraria: poemas, contos, peças, ensaios, romances, novellas, estudos criticos, ensaios philosophicos. Como poeta e contista, fica entre os melhores da moderna literatura ingleza. *Filhos e Amantes, A moça que se perdeu, A Vara de Aarão, Mulheres amorosas, Kangurú, Inglaterra, minha Inglaterra*, (um extraordinario livro de novellas). *A Boneca do Capitão, Arco-Iris, A psychanalyse e o inconsciente, St. Mawr, A Serpente emplumada, David, Manhãs no Mexico, A mulher que fugiu, Pansies, Poemas*, etc. Cerca de 50 volumes.

Varios livros seus foram perseguidos e prohibidos de circular na Inglaterra. Lawrence era considerado altamente pornographico. O seu ultimo escripto foi justamente um livro intitulado *Pornographia e Obscenidade*, publicado em Nova York em que, com grande ardor e eloquencia,

JOSÉ MAURICIO

A commemoração do primeiro centenario da morte do padre José Mauricio, evoca-nos a figura extraordinaria desse musico, que foi uma das nossas maiores expressões artisticas. No entanto, porque delle resta apenas o nome e desapareceu a sua musica, que raros conhecem? O facto de ser quasi toda sacra, não justifica o esquecimento, cuja razão profunda não estará porventura na circumstancia de não falar á nossa sensibilidade essa arte, sem raizes no espirito brasileiro, transplantada, por um prodigio de technica e um golpe de genio, para o Brasil? Ella se prende a Mozart e principalmente a Haydn. Assim, por destino permaneceria isolada.

Ou talvez seja por terem ficado largo tempo perdidas as suas partituras, algumas das quaes Nepomuceno restaurou, quando director do Instituto de Musica, salvando-as da destruição dos bichos, que já tinham inutilizado varias dellas. No entretanto, a sua missa de Requiem é uma obra admiravel, que Neuckomm, discipulo predilecto de Haydn, «não duvidou em collocar ao lado do divino Mozart», e hoje ainda ouviriámos com emoção. Esse esforço para *revelar* José Mauricio seria uma bella iniciativa do Instituto de Musica, na celebração do centenario do grande mestre.

O caso de José Mauricio, é singular. Esse mestiço que nunca saiu do Rio de Janeiro, nos deu, no começo do seculo passado, uma musica, que não representa um impulso de temperamento nativo, mas é um prodigio de cultura, dentro do seu tempo, na sua orientação mais segura. Será obra imitada, mas na época, estavamos ainda em plena sujeição espiritual, de que nenhum artista poderia libertar-se. E, numa escola, realizar a obra de José Mauricio foi um prodigio de genio irrecusavel. Se não lhe perpetuou a musica, ficou immortal o seu nome, que se continuará a repetir, gloriosamente, na historia da nossa musica.

Um dia, o padre José Mauricio...

se defende da pecha que os criticos de bitola estreita lhe imputavam.

Poucos são os escriptores modernos ingleses que exerceram tanta fascinação como Lawrence sobre as camadas mais novas. O seu estylo era admiravel pela riqueza de imagens, pela eloquencia, pelo brilho, pela concisão, e ao mesmo tempo pelo tom derramado, e pela imaginação creadora. Não se repete. *Filhos e Amantes*, o seu primeiro livro, de mais de 500 pagi-

nas, publicado em 1912 applicou a psychanalyse, antes da divulgação que Freud teve após a Guerra. Em todo os seus trabalhos, ha essa preocupação psychanalytica. O espectáculo da hostilidade dos sexos commove-o e domina-o. Todos os seus livros reduzem-se ás obscuras, lutas do instincto sexual. Dahi a chamarem-no pornographico, não houve mais que um passo. Mas, apesar de tudo, é um nome que fica com os maiores do seculo XX: Galsworthy, Wells, Bennett, Shaw, Joyce, Yeats, Forster, Conrad. Era um artista de uma imaginação oceanica e um profundo pensador.

REPERTÓRIO



A ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DA RÚSSIA

É indiscutível o cuidado do governo soviético pela organização científica do país. Escolas e laboratórios se fundam e uma intensa actividade de estudos se nota por toda parte, dispendendo o estado sommas formidáveis nesse esforço. O primeiro reapro a fazer é o que se refere á exclusividade do critério, pois na Rússia a sciencia é dogmática, isto é, tudo que conduza ao idealismo, á sciencia pura, está irremediavelmente condemnado, bem assim os estudos sociaes são feitos sob o critério revolucionario marxista. Assim, o Instituto Marx e Engels, o Instituto científico experimental Timiriasev e outros são escolas de doutrina determinada, o mesmo acontecendo com os estudos jurídicos. Ora, toda limitação á intelligencia, tudo que nos restrinja o direito do «livre exame» não póde permittir a plena floração da sciencia e da philosophia. A segunda reserva, decorrente da primeira, se refere á restricção dos trabalhos theoricos, evidentemente desaconselhados, em favor das obras practicas. Toda theoria é a essencia das applicações practicas e a sciencia experimental não se póde alimentar fóra das fontes da doutrina pura. No entretanto, proclama-se que, em 1919, 45% das obras científicas eram theoricas e 55% practicas, enquanto, em 1926, apenas 14% são theoricas para 86% practicas.

Por isso mesmo, a parte mais interessante da organização científica soviética é a technica. Academias de sciencia, institutos de observação e pesquisa, centros de investigação se multiplicam e a sua producção por varios titulos é notavel. Assim, dentre outros, o Instituto de estudos do cerebro Bekhterev, de Leninegrado; o Instituto de Poulhovo e Nikolaw, o laboratorio de psy-

chologia experimental, o Instituto Lasgaff, o Instituto Anthropologico, o Instituto tecnico de Tomsk, o Instituto de Physica e Cristallographia da Universidade de Moscou e tantos outros, onde intenso esforço intellectual se desenvolve.

CONFERENCIA SOBRE A PROTECÇÃO Á INFANCIA

O presidente Hoover convocou para este anno, uma conferencia sobre a protecção á infancia. A primeira desse genero se realizou, em 1909, por iniciativa de Roosevelt, estudando as questões referentes ao trabalho de menores. Em 1919, o Bureau federal para a protecção á infancia reuniu contra conferencia que se occupou em estabelecer um programma minimo de protecção ao trabalho de menores, programma em geral conhecido sob o nome *Children's Bureau Standards*. Outros planos de protecção foram elaborados pela Conferencia citada para a uniformidade da legislação dos estados americanos e varios projectos têm surgido, muitos dos quaes aceitos pela Conferencia internacional do trabalho.

A conferencia de 1930 examinará de novo as regras estabelecidas e provavelmente a importante questão de saber se taes regras devem applicar-se exclusivamente ou em primeiro lugar aos trabalhos industriaes, ou se, e em que medida, será possível de applical-os á agricultura.

PARA AS MULHERES ESCOLHEREM SUAS PROFISSÕES LIBERAES

A Associação suíssa das mulheres universitarias publicou recentemente, em collaboração com o Departamento para a mocidade (judendamt) do cantão de Zurich, uma série de cinco monographias consagradas ás profissões liberaes e destinadas a informar as moças as condições de preparo e perspectivas futuras nas diversas carreiras liberaes. São ellas: *O preparo das moças para os estudos universitarios; A química; A pharmaceutica; A medica; A jurista.*

AS SURPRESAS DOS CONCURSOS DE BELLEZA

O torneio de belleza mundial a se realizar no Rio de Janeiro no anno corrente tem tido na Europa o mais surpreendente successo e não poucos incidentes.

Depois do tradicional baile dos *Petits lits blancs*, onde a belleza classica de *Miss Europa* causou a mais emocionante surpresa por suas linhas severas, a propria eleição da Senhorita Lucia como detentora do sceptro de rainha da belleza européa teve em sua terra a repercussão de um successo quasi diplomatico com o banquete offerecido pelo ministro dos estrangeiros ao embaixador francez e a outros representantes diplomaticos que pessoalmente o felicitaram pela escolha da belleza hellenica da Senhorita Staplarku.

Mas, nem as eleições para um concurso de belleza estão isentas de fraude e as competições são fortes e a escolhida nem sempre está livre dos ataques pessoases de suas rivaes despeitadas.

Na pacifica Hollanda, a eleição de sua «Miss» constituiu um caso. Desejosa de figurar entre as representantes da belleza mundial, uma joven e linda holandea apresentou-se ao torneio. Sua belleza impressionou os respeitaveis jurados e foi classificada em primeiro. Mas eis que as rivaes descobriram que a joven *timida e pura* era, na realidade casada, com um filho de nove annos e trinta annos de idade, quando o concurso exige o maximo de 22 annos. D'ahi o jury, enganado pela linda Mme. Kuster, que não preenchia as condições do concurso, substituiu-a pela classificada em segundo lugar, a Senhorita Ric van de Rest, um dos mais graciosos manequins parisienses, conquanto nativa da Hollanda.

Mas, se os concursos de belleza têm o seu pittoresco, têm tambem o seu lado tragico e este foi dado pela Senhorita Halka Wierzicka, uma graciosa poloneza que acaba de se suicidar por não ter conseguido ser eleita *Miss Polonia*.

A NOVA FEIÇÃO DA POLITICA AGRARIA DA U. R. S. S. EM 1928-29

O «Bureau Internacional do Trabalho», de Genebra, estudou esse problema de importancia capital para o regime russo, da forma seguinte:

«Depois dos primeiros ensaios infructiferos da socialização da agricultura, tentados durante o periodo do communismo integral (1917-21) o governo dos soviets seguiu até 1927 uma nova politica economica (NEP), durante a qual procurou restabelecer a agricultura, soerguendo as explorações camponesas individuas. O estado favoreceu então as pequenas explorações, conservou uma «neutralidade benevolente» em relação aos camponeses médios e tolerou a existencia de camponeses abastados (koulaks). O governo e o partido comunista declararam então que o desenvolvimento da agricultura deveria ser proseguido durante annos ainda na base da exploração individual. Afim de acelerar o restabelecimento da agricultura, o emprego da mão de obra salariada e afazendagem das terras foram autorizados desde 1925. Se é verdade que o governo sovietico não perdeu de vista seu objectivo capital: a constituição de explorações cooperativas ou collectivas camponesas e a criação de grandes dominios modelo do Estado, pelo menos não usou medidas coercitivas para chegar aos seus fins.

A nova politica economica tinha tornado possivel a consolidação da economia camponesa e assim a reconstituição da agricultura. Todavia, não permitiu desenvolver a producção agricola na medida do augmento rapido das necessidades em alimentos e materias primas. Dois factores contribuíram para retardar esse desenvolvimento: o augmento da população e o proprio regime agrario. A revolução e a destruição das grandes propriedades reaes que a acompanhou redundaram num esphacelamento excessivo das terras e um augmento muito consideravel das explorações camponesas. A producção agricola se resentiu disso. Por outro lado, o nivel muito baixo dos preços dos productos agricolas levou os camponeses a consumir seus productos numa medida mais larga do que anteriormente faziam. A quantidade dos productos agricolas postos no mercado soffreu uma diminuição importante.

Além disso, a introdução da nova politica economica suscitou uma rapida diferenciação da classe camponesa e a importancia relativa dos camponeses abastados (koulaks) cresceu nos pontos de vista economico, social e politico. Á

medida que sua posição se fortificava, os «koulaks» resistiram mais vigorosamente á politica agraria do governo. A constituição dos stocks de cereaes pelo estado tornou-se tanto mais difficil quanto, de 1927-28 a colheita foi inferior a dos annos precedentes.

Diante dessa situação, o governo dos soviets modificou sua politica agraria. Depois de tactear por um curto periodo, decidiu, conforme ás resoluções do XV congresso do partido comunista (dezembro de 1927), empreender uma «offensiva socialista» contra todos os elementos de economia individual não somente nas cidades, mas tambem nos campos, reorganizando a agricultura na base das grandes propriedades do estado (sovhoze) e da exploração collectiva de camponeses (kolhoze). Essa nova politica foi applicada desde 1928. Em maio de 1929, o V congresso dos soviets approvou um plano economico quinquenal prevendo a industrialização forçada do paiz e uma socialização completa da agricultura, consistindo na criação de grandes explorações agricolas industrializadas e organizadas nas bases technicas modernas.

Os resultados quantitativos da socialização acelerada da agricultura foram muito notaveis. As sementeiras do «sector socializado» da agricultura, que comportavam 2 milhões de hectares em 1927 e 2,8 milhões em 1928, se estenderam a 6,1 milhões de hectares em 1929. Desse total, 1,8 milhão são das fazendas sovieticas e 4,3 milhões, das explorações collectivas camponesas. A importancia relativa do «sector socializado», em relação ás terras semeadas, foi, durante os 3 annos em questão, de 1,7, 2,5 e 5,2 % respectivamente. A superficie das sementeiras de cereaes attingiu, para o «sector socializado», 4,6 milhões de hectares em 1929 (1,2 milhão de hectares para as fazendas sovieticas e 3,4 milhões para as explorações collectivas camponesas), contra 1,9 milhão em 1928 e 1,3 milhão em 1927. Em 1929, 5,5 % da producção global dos cereaes vinham do «sector socializado» (2,5 % em 1928 e 1,5 % em 1927). As fazendas do estado e as explorações collectivas forneceram, em 1929, 20,7 % de cereaes postos no mercado (12,8 % em 1928 e 7,9 % em 1927).

O numero das explorações collectivas que não passava de 14.800 em 1º de Outubro de 1927, se elevava a 33.200 em igual data de 1928 para attingir a 60.000 em junho de 1929. Essas explorações englobavam, nas 3 datas supra-citadas, 234.000, 415.000 e 979.000 fazendas camponesas.

O numero total de tractores meca-

nicos utilizados na agricultura da U. R. S. S. era, em 1º de outubro de 1929, cerca de 40.000, tomando por unidade um tractor de 10 C. V.

As explorações collectivas camponesas não são, de um modo geral, muito extensas; englobam, em média, segundo os dados recolhidos para 1929, 71 hectares, seja 0,95 hectare por socio. As fazendas do estado, ao contrario, attingem por vezes dimensões muito consideraveis. Ha sementeiras que ultrapassam 100.000 hectares. Portanto, é á constituição de explorações collectivas camponesas que o governo dos soviets consagra antes de tudo a sua atenção, porque a criação de fazendas do estado está entravada pela ausencia de terras ainda disponiveis. Os resultados obtidos em 1929, em materia de collectivismo agricola, ultrapassaram de muito as previsões do governo. A imprensa sovietica estima que as sementeiras das explorações collectivas attingirão o total de 30 a 40 milhões de hectares em 1930 e 85 milhões de hectares em 1931, enquanto o plano quinquenal só lhes assignava para o fim do exercicio 1932-33, 14,5 milhões de hectares.

Paralelamente á socialização da agricultura, prosegue a luta contra o camponez abastado (koulak). No começo da politica de socialização estava decidido incorporar os «koulaks» nas explorações collectivas camponesas. Reconheceu-se, porém, que, se os «koulaks» se juntassem por vontade ás explorações collectivas, para se beneficiar com as vantagens que lhes offerecia a participação nessas explorações, essa adhesão seria de pura forma, os «koulaks» continuariam a gerir suas explorações na base da economia individual. Desde então, a adhesão dos «koulaks» ás explorações collectivas não foi mais autorizada. Os «koulaks» responderam a essa exclusão com uma luta encarnecida contra as explorações collectivas agricolas. Por outro lado, pode ser constatada, entre a população rural, uma tendencia geral a querer retirar o máximo de lucros da exploração collectiva, sem contribuir activamente para o seu desenvolvimento e consolidação. De mais a mais, muitas vezes, camponeses, antes de adherir ás ás explorações collectivas, vendiam suas reservas de cereaes, rebanhos, instrumentos agricolas, etc. O governo teve mesmo de decretar penas severas contra as pessoas que se tornassem culpadas de taes procedimentos e ameaçal-as de interditar-lhes o acesso ás explorações collectivas (decretos de 16 de janeiro de 1930).

Afim de apressar e fiscalizar de mais perto o desenvolvimento do collecti-

vismo, o comité central do partido comunista decidiu, em novembro de 1929, delegar 25 000 operarios industriaes, nas suas aldeias, para encorajar e superintender a constituição de explorações collectivas. Por outro lado, o exercito vermelho foi encarregado, por uma ordem do dia de 30 de janeiro de 1930, de formar no corrente anno, 100.000 soldados que serão utilizados em fins analogos. Em certos districtos a reorganização, na base collectiva, está terminada.

Emfim, o partido comunista tomou recentemente a decisão de supprimir completamente a classe dos camponeses abastados (koulaks). O comité central do partido declarou, numa resolução de 6 de janeiro de 1930, que os resultados já obtidos permitem «passar da coerção das tendencias capitalistas dos «koulaks» a uma politica visando a exterminação dos «koulaks» como classe». Executando essa decisão, o comité executivo dos soviets promulgou, em 1.º de fevereiro ultimo, um decreto autorizando os soviets locais dos districtos, em que a maioria das fazendas camponesas tiver adherido ás explorações collectivas, a expulsar os «koulaks» e a confiscar-lhes os bens. Nos mesmos districtos, o emprego da mão de obra salariada na agricultura e a afazendagem foram prohibidos.»

A PROPRIEDADE SCIENTIFICA E O SEGURO

A Liga das Nações acaba de reunir, no Instituto Internacional de Cooperação Intellectual, um comité restricto para o estudo de um systema de seguro destinado a facilitar a applicação do projecto de convenção internacional relativo á propriedade scientifica.

O comité era presidido pelo senador Ruffini (italiano) e compreendia os srs. Gallie (francez), secretario geral da C. I. T. I.; Heath (inglez), dos Lloyds britannicos; o dr. Manes (alemão), professor da sciencia dos seguros; Ostertag (suisso), director dos bureaux internacionaes reunidos de Berna; Secretan (suisso), sub-director da Companhia suissa de Reseguros de Zurich; Serruys (francez), membro do Comité economico da Liga; Sumien (francez) conselheiro de estado, director geral da fiscalização de seguros privados, no Ministerio do Trabalho.

Outras personalidades pertencentes ao mundo de seguros se juntaram ao comité, cujos trabalhos proseguem activamente, admittindo, desde já, a possibilidade da applicação, á propriedade scientifica, dum systema de seguro, es-

tabelecido segundo a noção estabelecida pelo Comité economico da Liga das Nações. O dito seguro implica a collaboração de grupos de seguradores e grupos industriaes, com modalidades muito subteis, variaveis em cada paiz. O projecto de convenção, nesse sentido, será em breve enviado aos diversos governos.

UNIÃO INTERNACIONAL DE ARTISTAS

O comité executivo dessa União, reuniu-se ultimamente em Londres e examinou a questão dos direitos do artista interprete e os problemas propostos pela radio-diffusão. A esse respeito, o sr. Karl Wallauer, vice-presidente e delegado da Allemanha, tratou das condições do trabalho na industria do film falado, assignalando, notadamente, as decisões a que chegou uma conferencia de artistas e autores allemães, reunida em Berlim, em outubro do anno passado. Os delegados adoptaram a definição seguinte do direito do interprete: «As pessoas, que participam por seu esforço pessoal para a reproducção de uma obra, têm o direito de interditar toda representação dada sem sua autozação. Esse direito passa a seus descendentes e termina 30 annos depois da morte do interessado, ou da sua viuva.» O relatorio citado estudava ainda a crise do theatro, particularmente na Allemanha, attribuindo esse facto ao desenvolvimento do film sonoro. Outros assumptos foram ainda debatidos, como as questões da radio-diffusão, do cinema falado e suas relações com o theatro.

TIRPÍTZ E OS «BRINQUEDOS» DE KIEL

Foi o maledicente Kinderlen-Wächter quem escreveu sobre o programma naval de Guilherme II: «S. M. quer ter navios, navios e depois não se servir, mas tel-os todos, como brinquedos em Kiel.» Quando o ex-Kaiser pensou em fazer a sua esquadra, que um dia sossobraría em Scapa-Flow, von Tirpitz foi a energia criadora desse sonho, com o qual Bismarck não concordára, presentindo que seria uma provocação constante á Inglaterra, um meio efficaz de alistá-la, um dia, entre os inimigos do Imperio.

Apoiado por Guilherme II, Tirpitz criou em pouco tempo uma poderosa frota. Veiu a guerra e os inglezes distenderam a sua esquadra, bloqueando o Imperio. E os navios de von Tirpitz?

— indagavam ansiosos os allemães. Permaneciam engarrafados em Kiel. A nação se irritava e o velho almirante preconizava, em janeiro de 1915, a guerra submarina sem restricções, para aniquilar a Inglaterra em seis semanas. O alvitre só mais tarde seria inutilmente ouvido, para levantar o mundo inteiro contra a pirataria submarina. Enquanto isso os inimigos de Tirpitz lhe minavam o prestigio e o irrequieto Kaiser, para se livrar das responsabilidades do fracasso naval e atiral-as aos hombros do seu leal servidor, aceitou a demissão de Tirpitz, no inverno 1915-16.

Tirpitz deixou os seus «brinquedos» em Kiel e, na solidão, amargou desillusões, reflectidas nas suas memorias, sentiu o frio da derrota e soffreu a rendição de seus navios ao inglez, para um dia se afundarem sem gloria.

AS TRES MAIORES ESQUADRAS

O governo britannico publicou, officialmente, os Algarismos que representam a força comparativa das esquadras ingleza, norte-americana e japoneza, declarando, na mesma nota, que essas potencias reduzirão os seus encouraçados a 15, 15 e 9 respectivamente. A força dos navios auxiliares será, em tonelagem total: Inglaterra: 541.700 toneladas; E. Unidos: 526.300 e Japão: 367.050, assim representada:

Cruzadores, com canhões de 8 polegadas:

Inglaterra: 146.800; E. Unidos: 180.000; Japão: 104.400.

Cruzadores, com canhões de 6 polegadas:

Inglaterra: 143.500; E. Unidos: 143.500; Japão: 100.450.

Destroyers:

Inglaterra: 150.000; E. Unidos: 150.000; Japão: 105.500.

Submarinos:

52.700 para cada uma das 3 potencias.

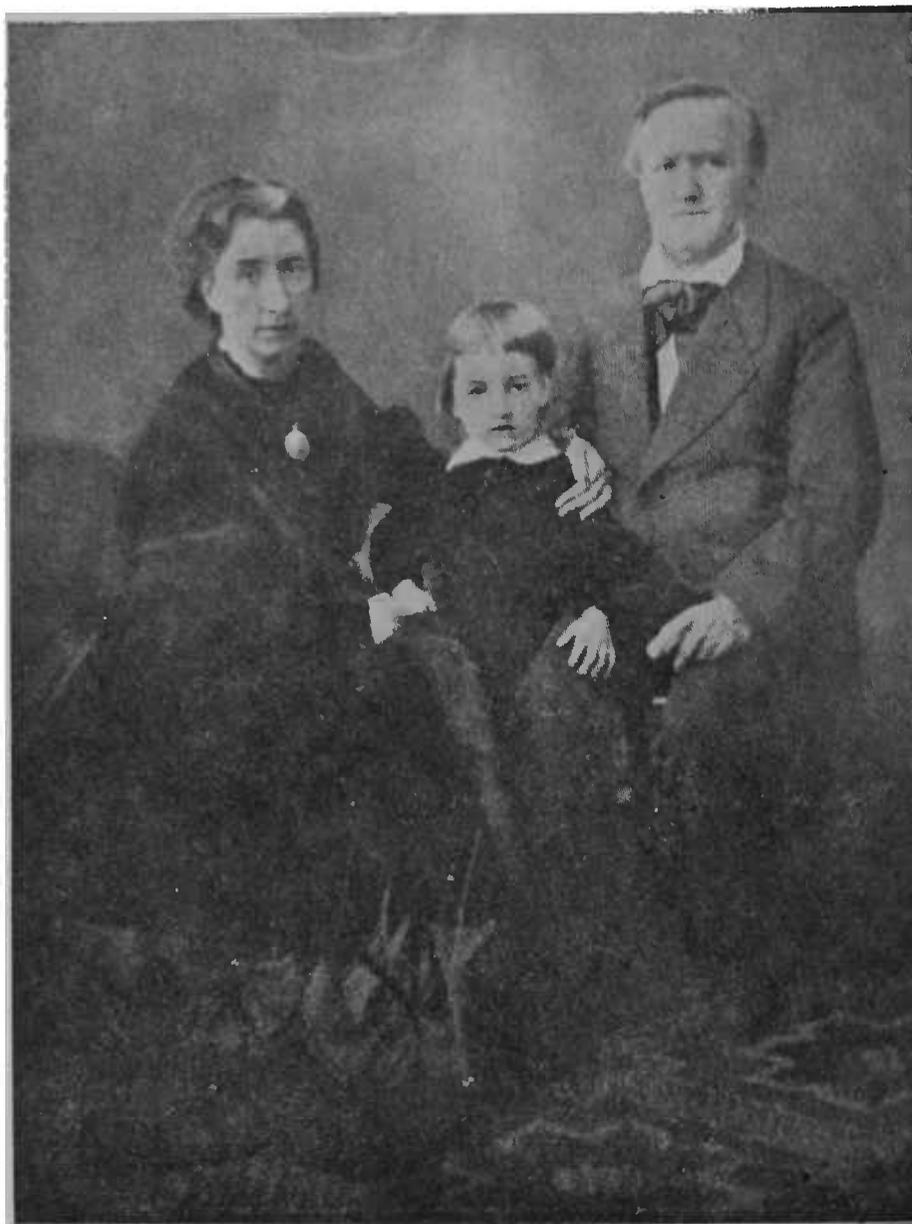
Foram estas as bases do accordo anglo-yankee-japonez, a que se refere o artigo que, sobre o assumpto, publicamos neste numero, do nosso distincto collaborador, sr. Hildebrando Accioly, no qual analysa, em seus multiplos aspectos, a Conferencia Naval de Londres e estuda as causas determinantes do seu fracasso.



COSIMA WAGNER

Em Bayreuth, aos 93 annos, falleceu Cosima Wagner, a segunda mulher de Ricardo Wagner, que a elle e á sua obra se consagrou com incomparavel dedicação. Cosima era filha de Liszt e da condessa d'Agoult, a conhecida escriptora franceza *Daniel Stern*, sendo sua irmã a primeira mulher de Emile Ollivier. Mais tarde, casou-se com o *kapellmeister* Hans von Bülow, fervoroso admirador de Wagner e seu maior regente. Foi do convivio com o mestre, que nasceu a paixão entre elle e Cosima, acabando esta por se tornar secretaria de Wagner e depois sua amante. Durante tres annos essa situação estranha perdurou, até que, em 1870, Cosima se separou de von Bülow e casou-se com Wagner, já então viuvo de Wilhelmina Planer, cujo ciume exagerado tanto lhe perturbara a vida. Nesse romance, apparece outra figura extraordinaria. Frederico Nietzsche tambem se apaixonara por Cosima e affirma-se que foi o despeito por se vêr preterido por Wagner, que levou o philosopho a afastar-se do musico, criando aquelle famoso *caso Wagner*, cuja explicação esthetica encobriria apenas um desengano amoroso.

Unida a Wagner, Cosima foi de uma dedicação illimitada e profunda. Consagrou-se a elle inteiramente. Quando o mestre falleceu, Cosmos, como elle a chamava, pensou em morrer tambem. Foi, então, que seu primeiro marido, von Bülow, que em tudo isso tivera a grandeza da renuncia dos heroes wagnerianos, lhe endereçou aquelle telegramma, invertendo a recommendação dos trapistas: *Irmã, é preciso viver!* E Cosima viveu quasi cincoenta annos para servir á gloria de Wagner. A ella deve-se a continuação do theatro de Bayreuth, auxiliada pelo seu filho, o maestro Sigfried Wagner, organizando temporadas extraordinarias da obra wagneriana, com todos aquelles pormenores idealizados pelo mestre, attraíndo ouvintes de toda parte, fascinados pelo drama musical. Ligada ao nome de Wagner, Cosima poude synthetizar a vida, como Kundry, a heroína de *Parsifal*, na palavra *servir*. E foi excepcional na fidelidade do seu culto, que a morte acaba de extinguir. Cosima falleceu cercada dos seus filhos,



WAGNER, COSIMA E SIEGFRIED

Siegfried, a viuva Houston-Steward Chamberlain e a senhora Thode, critica de arte e musicologa. O seu corpo foi incinerado e collocadas as cinzas no tumulo sem inscripção de Wagner, perto do templo da sua musica, onde ella assistiu os dias gloriosos de um mundo que nascia e contemplou o crepusculo dos deuses wagnerianos, quando a emoção musical se renovou e a obra da sua adoração se tornou um monumento do passado.

COMO SE DEU A QUÉDA DE GUILHERME II

Só agora vêm se esclarecendo por testemunhos imparciaes, desprovidos da paixão que os dominava, certos pormenores dos factos politicos que precederam e finalisaram a grande guerra.

A deposição e fuga de Guilherme II, pela rapidez dos acontecimentos, deixou na opinião publica universal a impressão

de um falso prestigio assente sobre bases tão frageis que permittissem a quéda do idolo.

Esses factos, hoje, se acham esclarecidos pelos documentos allemães inéditos e publicados recentemente. A esse respeito fez Mauricio Muret uma importante comunicação á Academia de sciencias moraes e politicas, de Paris. Muret, baseado em taes documentos e com espirito de severa imparcialidade, narra os factos occorridos em Berlim nos ultimos dias que precederam o armistício e a consequente retirada do Kaiser. Os factos evocados por Muret reportam-se aos acontecimentos de 7, 8 e 9 de novembro de 1918. Nessa época, em Berlim, as noticias vindas do *front* eram alarmantes. O estado de espirito publico, interiormente, denotava a impaciencia exausta de promessas de victoria e exigia o fim da guerra.

Esse estado de espirito que tão bem descreveu Ernesto Goelser no seu re-

cente livro *Classe 22*, formava o ambiente propício á revolução.

A 7 de novembro o imperador era avisado em Spa, pelo príncipe Max de Baden, da imminência da derrocada e da necessidade da abdicação. Era positivamente necessario arrancar este acto do ultimo Hohenzollern. Cheio de orgulho e de illusões relutou o imperador em aquiescer, convencido de que ainda era o idolo de seu povo. Elle não acreditou na extensão do movimento revolucionario. Bastava a sua presença á frente de suas tropas, para arrefecer a onda.

Foi necessario a pressão de Hindenburg e Grunau, substituto de Ludendorff, para decidir o Kaiser, mas ainda assim pensou abdicar a corôa de imperador, guardando a de rei da Prussia. Sua côrte, porém, não desconhecia a gravidade da situação. Hindenburg foi um dos que mostraram ao imperador o perigo de permanecer na Allemanha, pois correria o risco de uma morte tragica como a de Nicolau II. Esta decisão só foi, porém, tomada depois da reunião de um conselho composto de trinta chefes de corpos de exercito, reunido a pedido do imperador para decidir da sorte do imperio. 23 desses juizes improvisados decidiram pela abdicação.

Assim cahiu a aguia alemã.

A 10 de novembro o carro imperial parava a fronteira hollandeza. A demora de meio dia na fronteira, enquanto se decidia com o governo hollandez o seu internamento, quasi se transformava em tragedia.

À vista do trem uma multidão imensa de refugiados belgas acorreu ao wagão, insultando o Kaiser e ameaçando matá-lo. Protegido por um cordão de tropas hollandezas, Guilherme II affectava sorrir e se divertia com os officiaes que o acompanhavam. Assim se deu a fuga do mais poderoso e orgulhoso dos monarchas do seculo XX.

OS MOTORES DE OLEO PESADO NA AVIAÇÃO

Vem sendo assumpto de particulares e intensivos estudos e experiencias a adaptação do motor Daniel á aviação. Realmente, o motor a essência, muito inflammavel, de um mecanismo muito complicado e delicadissimo, com magnetos, velas, fios de alta tensão, offerece perigos muito maiores, quer de panne quer de incendio do que o Diesel que, além de tudo isso, ainda é mais economico. Mas a primeira difficuldade está em tornar esse motor mais leve, modificando-se o ciclo, pois o Diesel faz habitualmente 200 a 300 revolu-

EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA

Conforme annunciamos, abrir-se-á no mez vindouro, nesta capital, uma grande exposição de arte moderna, organizada pela revista franceza «Montparnasse», acompanhada de conferencias do sr. Geo Charles, sobre a arte e a literatura modernas na França. A exposição consta de cerca de 60 telas, aguarellas e desenhos de artistas dos mais representativos da arte moderna. São elles: Bouchant, Marie Blanchard, Borrès, Bosshard, Braque, Campigli, Clément, Csaky, Derain, Germaine, Derbecq, Dufy, Farkas, Fasini, Flouquet, Fougita, Gallibert, Glaizes, Gounaro, Juan Gris, Gromaire, Halicka, Herbain, Joaquim Rego Monteiro, Laglenné, Laurens, Lahner, La Serna, Le Fauconnier, Léger, Lhote, Loutreuil, Lurçat, Marcoussis, Masereel, Masson, Matisse, Vicente Rego Monteiro, Papazóff, Picasso, Rendon, Sandoz, Senabre, Severinj, Sterling, Survage, Valmier, Vlaminck, Vines, Eugne Zaz.

A direcção dessa galeria é do sr. Vicente Rego Monteiro, um dos nossos mais fortes e significativos pintores. O publico brasileiro terá oportunidade de familiarizar-se com obras de grandes mestres modernos, muitos dos quaes lhe são completamente desconhecidos, se bem que tenham grangeado renome mundial. Será uma demonstração viva do que o espirito moderno tem realizado nos maiores paizes do mundo, apesar de toda sorte de tropeços que o pasadismo reaccionario e estreito tem querido levantar contra a marcha inexoravel das tendencias dynamicas do nosso tempo.

ções e deve fazer, no avião, 1.800 ou mais ainda. Os technicos chegarão a um ciclo mixto (ciclo Sabathê) no qual a combustão se faz, parte a volume constante, como no motor a essência, e parte a pressão constante, como no motor de oleo pesado.

No campo das experiencias, os primeiros resultados colhidos têm sido muito favoraveis. Em maio ultimo, nos EE. Unidos, um avião commercial Stinson, equipado de um motor Packard-Diesel, cubriu uma escala de 1.200 kls. de Detroit ao aerodromo de Langley-Field (Virginia). O Diesel-Packard é um motor em estrella, com 9 cilindros, resfriamento pelo ar, que dá 200 HP.

a 1.800 revoluções por minuto. Seu peso é de 200 ks. ou 1 k. 300 por HP. Esse resultado encorajou a casa Packard a construir os seus primeiros motores de oleo pesado para aviação. Experiencias por igual muito bem succedidas foram feitas na Allemanha pelos Junkers, que, em julho ultimo, as consideraram concludentes, além de muito economicos os motores a oleo pesado, pois, enquanto em 600 horas de funcionamento, um motor a oleo pesado gasta 39.270 francos, em igual tempo, um a essência, da mesma força, dispense 207.180. Na Inglaterra, a casa William Beardmore & C.º, de Damuir, perto de Glasgow se especializou nessas pesquisas, com exito, tendo construido um motor a oleo pesado «Typhoon I», que daria uma força de 800 HP para um peso de 830 kilos, no regime normal de 1.220 revoluções horarias.



UM EXTRAORDINARIO ACONTECIMENTO MUSICAL

Na «Metropolitan Opera House», de Nova York, será dada, este mez, sob os auspicios da Liga dos Compositores, uma audição de duas obras-primas: de Stravinsky — *Sacre du Printemps* — de Arnold Schönberg — *Die Glückliche Hand* — aquella em fórmula de bailado. Organiza-se esse espectáculo de um modo extraordinario, cabendo a Leopoldo Stokowski e a sua Philharmonica de Philadelphia a execução musical. Nicolas ideou e desenhou as vestimentas e com Stokowski procurou com empenho junto ao mestre russo traduzir em todas as minucias o rigor da interpretação. Leonide Massine, que trabalhou com Diaghleff, organizou a parte choreographica. A scena do Sacrificio da Virgem será feita por Martha Graham.

Para a peça de Schönberg, uma enorme orchestra se prepara, metade da qual tocará em frente e o resto por detraz da scena. Os seus interpretes serão: Ivan Ivantzoff, Olin Howland, Doris Humphreys e Charles Wlidian. A direcção caberá a Ruben Mamoulin e Robert Eumond Jones occupar-se-á com as vestimentas.

Essa simples enumeração dos nomes que organizam tão extraordinaria representação de obras dos dois grandes mestres da musica moderna, suggere toda a grandiosidade do espectáculo e a inveja nos que não o poderão assistir...

MONUMENTO A BEETHOVEN EM BONN

Bonn, a cidade natal de Beethoven, pensa em adquirir o monumento da autoria do prof. Breuer e que deveria ser erigido em frente á Opera de Berlim. Foi organizado um comité especial para conseguir levantar os fundos necessarios e que pensa em interessar tambem os meios estrangeiros, estando o sr. Schurman, antigo embaixador americano em Berlim, fazendo activa propaganda da idéa no seu paiz. O monumento ao grande musico será collocado nas alturas de Venusberg, dominando o valle do Rheno.

O FOLK-LORE NA MUSICA DE CHOPIN

Uma interessante conferencia sobre o assumpto foi feita pelo dr. Louis Brnarski, mostrando a influencia da musica popular na arte de Chopin, particularmente nas suas *Makurzas*, negando, porém, que tivesse elle se aproveitado de motivos populares, como se vem commummente affirmando. A sua musica se inspira no folk-lore, não tem contudo traços populares.

O HYMNO NACIONAL AUSTRIACO

Durante varias manifestações officiaes recentes, ouviu-se o *Deutschland über alles* cantado como hymno nacional austriaco. Em vista disso, o ministro da instrucção publica, de accordo com o conselho de ministros, avisou todas as autoridades que, nas festas officiaes, deveria ser executado o hymno, que era o da antiga monarchia, com palavras differentes. Esse hymno é uma conhecida melodia de Haydn. Quanto

ao *Deutschland über alles* poderá ser cantado, mas não em demonstrações de character official.

LIVROS SONOROS

Annuncia-se que varios inventores procuram produzir o livro sonoro, cujos primeiros ensaios foram feitos recentemente, na presença de diversos editores. No livro commum introduzir-se-ia um pequeno rolo com pelliculas phonographicas, fixadas num aparelho, á vista do leitor. O texto se desenrolaria mecanicamente, com uma cadencia que convier a cada qual. Essa innovação, se conseguida, terá as mais formidaveis consequencias, sobretudo abrindo novos horizontes pedagogicos.

MUSICA PARA RADIO

Em *The Musical Quarterly*, o sr. Raven-Hart publicou, ha pouco, um interessante estudo, sobre as difficuldades immanentes á diffusão pelo radio da musica. Quando o radio se tornou um meio facil de communicação, estimou-se desde logo a sua importancia para a cultura musical, permitindo a todos ouvirem concertos e audições com a maxima facilidade. No entretanto, como a radiodiffusão depende dos aparelhos e do meio atmospheric transmissor, difficuldades multiplas se apresentaram. Assim, os sons de muito baixa ou muito alta frequencia ou são impossiveis de se ouvir, ou interferem com os sons de outras ondas que passam no espaço. Dahi a necessidade que tem havido de reorchestrar as musicas que devam ser transmittidas pelo radio, a menos que já tenham sido compostas especialmente para tal fim. Assim, o contra baixo deve ser evitado, a caixa

clara só póde ser empregada em solo, o banjo passará a ter papel proeminente, enquanto a polychronia das cordas torna-se perigosa a ponto de Max Butting, na sua *Musica para orchestra radiophonica*, ter supprimido os segundos violinos.

A questão das nuances é importante, como diz André Coeuroy, mostrando que a marcação normal de *fff* (fortissimo) ou a de *ppp* (pianissimo) se limita a *f* (forte) e a *p* (piano), no radio. Assim, affirma esse critico, que a transmissão de grandes concertos pelo radio é um erro fundamental. Será agradável para o ouvinte ingenuo, mas um contrasenso para o musico. Portanto, conclue que a unica solução racional, no caso, é criar uma musica para o radio, em que se levem em conta todas as circumstancias especiaes desse meio de transmissão.

NOTAS MUSICAES

As autoridades sovieticas riscaram do repertorio official a *Lenda da cidade invisivel de Kitege* de Rimsky-Korsakoff porque não admittem que se fale de milagre e intervenção divina numa opera. Além desta, *Judith*, de Sajerows; *Patete Pantoufle*, de Tschaikowsky; *Aida* e a *Traviata*, de Verdi; *Madame Butterfley*, de Puccini e *Contos de Hoffman*, de Offenbach, serão admittidos com restricções.

— A venda de discos no Estado de Nova Jersey com o registro da voz de Caruso rendeu, desde 1921, data da morte deste cantor, a importancia de 1.900.000 dollares, cuja metade revertirá em beneficio da filha de Caruso, actualmente com a idade de dez annos.

— Por ocasião das Exposições dos românticos na Bibliotheca Nacional de

MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungalows e apartamentos

Apresentação de modelos novos

em aposentos especialmente decorados

MAPPIN STORES

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147

Paris foi executada uma obra de Berlioz, apparecida em 1928. e que havia sido apresentada ao concurso do premio de Roma, sem lograr classificação. Esta peça se intitula *Morte de Orphéu, bacchanal para grandes choros e grande orchestra*. Na partitura vê-se escripta do proprio punho do grande compositor a seguinte inscripção: *Obra declarada inexecutavel pela secção de musica do Instituto*.

NOSSO MOMENTO MUSICAL

O maestro Luciano Gallet, em interessante entrevista ao «Globo», analysou o nosso momento musical, mostrando que tudo nos falta, sociedade de musica, trios ou quartetos para musica de camara, sociedade coral, theatro de opera ou de opereta, conferencias sobre musica, em summa a situação lhe parece desoladora. Attribute o facto a quatro razões principaes: as *sociedades de radio*, que, sem criterio nem direcção artistica, vão irradiando toda musica, sem cuidado com a execução e sem attender á educação do povo que lhes cabe fazer; os *editores de musica*, que abandonaram a verdadeira musica e atiraram-se a editar «quanta banalidade lhes vem ás mãos»; os *discos*, cujo negocio representa um verdadeiro jogo de azar; e a *falta de orientação*, que consiste no abandono da educação do gosto do publico, ao qual tudo é entregue numa mixórdia incrível.

Para remover essas difficuldades, acredita o maestro Luciano Gallet, nos seguintes meios de reacção:

I) «Accórdo entre os editores» — Devem unir-se e juntos, procurar a mesma arma que os destróe agora — as radio sociedades.

a) forneçam ás radios o que ellas precisam: meios de subsistencia.

b) Appliquem-se a desenvolver o gosto pela boa musica (o bom existe em muitas qualidades de musica), mas que seja musica bem apresentada, no seu lugar, equilibrada e bem executada.

c) Confiem a direcção artistica de cada radio sociedade, a um artista que tenha consciencia de sua responsabilidade.

d) Promovam conferencias de educação artistica popular, como se faz em todas as partes do mundo civilizado.

e) Dêem assim ao publico os meios de compreender e elevar-se.

f) Trabalharão desta forma para seu proprio beneficio e lucro, pois educando o gosto, garantirão maior e melhor saída e movimento commercial.

II) Fabricas de discos — As mesmas suggestões acima, mas lembrando que é maior a sua responsabilidade, porque têm em mãos através do disco, os meios de educação immediata, desde que presida o criterio e não a ganancia de lucro descabido.

III) Funde-se ao menos uma sociedade de musica que proporcione meios de audiçáo e educação collectiva e progressiva.

IV) Desenvolva-se o gosto pela musica collectiva desde as escolas primarias, até a formação de «coraes» o melhor meio de formação musical.

V) Confie-se ás bandas de musica não só a função de divertir, mas tambem de educar o gosto do publico. E para isto todas as bandas do Exercito, Marinha e Policia, têm os seus directores artisticos, responsaveis pela sua eficiencia. E dêem bandas ao publico, que raramente as tem.

VI) Saiba-se convencer os governos que elles devem zelar pela conservação do gosto de arte intuitivo dos brasileiros, e que se em todas as partes do mundo os governos gastam enormes quantias para subvencionar os theatros de musica e os concertos de toda a especie, não se concebe que no Brasil o governo queira converter a musica em fonte de renda, como se musica fosse estrada de ferro ou alfandega.

VII) Pelas mesmas razões convencam-se as autoridades municipaes que um concerto não póde ser aggravado de impostos como o vendeiro da esquinha.

Se um artista-virtuoso deve pagar um salão carissimo, com despesas sobrelentes e ainda impostos da Prefeitura, só póde fazer uma cousa: — desistir de qualquer tentativa.»

São incontestaveis as observações de decadencia, ou pelo menos de enfraquecimento do nosso meio musical. As razões parecem aliás mais profundas ainda, talvez mais extensas do que as referidas pelo maestro Gallet. A falta de cultura musical parte do proprio Instituto Nacional de Musica, onde a preocupação technica é a unica dominante. De lá deveria vir uma acção fecunda, se não para o publico directamente, ao menos por intermedio das suas numerosas alumnas. Isso despertaria um enorme interesse e, ao invés daquella casa fazer apenas professores, formaria tambem artistas. No entretanto, nada disso se cuida no Instituto. Ainda ha pouco, falando alguém com uma alumna diplomada pelo Instituto (curso de piano) sobre os leit-motiv das operas de Wagner, ella não tinha disso a menor noção. O curso de esthetica

musical e historia da musica seria uma necessidade, para despertar o gosto artistico, o interesse e a divulgação. Não é possível ao publico interessar-se sobre materia que desconhece, como bem diz o maestro Gallet, mas não devemos por igual esperar que de meios commerciaes, onde o interesse mercantil tudo domina, parta a reacção. O esforço deve ser desinteressado e, nesse particular, não haveria maior centro nem mais autorizado do que o Instituto Nacional de Musica.

Uma reacção, porém, se faz necessaria. A pretexto de musical popular, desencadeiou-se uma tempestade de musica inferior, e aquillo que se procurava como meio de educação e inspiração tornou-se moda, com todos os prejuizos resultantes. Dess'arte, todos os meios possiveis que puderem ser postos em pratica para orientar a educação musical do nosso povo, devem ser procurados com empenho, pois só assim criaremos obra séria na arte, para a qual revelamos sempre as maiores propensões. Essas não pódem ser gastas inutilmente, num esforço perdido.



O EXITO EXTRAORDINARIO DE «TOPAZE»

Nenhuma peça moderna logrou o exito extraordinario de *Topaze*, a admiravel comedia de Marcel Pagnol. Com effeito foi traduzida e representada em todos os paizes do mundo, excepto na China e na Turquia. Na Grecia será levada dentro em breve. O numero total das representações ultrapassa 4.000. O algarismo das receitas, na França, é de cerca de 20 milhões e, no mundo, de 100 milhões de francos.

Topaze foi levada, no anno passado, no Rio, pela companhia franceza de Victor Bucher, no Municipal, e pela companhia portugueza de Rey Collaço, no Lirico. A criação de *Topaze*, depois de ter sido recusada por ONZE directores, foi feita no theatro *Variétés* de Paris. Curioso é que Pagnol confessa o receio que teve do fracasso, na scena de *Variétés* e, depois de aceita a peça por Max Murey, insistiu ainda com este para que não a representasse e não foi sem difficuldade que se deixou convencer. Depois, o triumpho, a gloria, a inveja.

PAQUEBOT TENACITY

No Studio dos Champs-Élysées, de Paris, foi dado novamente *Paquebot Tenacity*, de Charles Vildrac. E a peça resistiu admiravelmente. Como se sabe, ella se constrói psychologicamente, para mostrar, ainda uma vez, que o destino é implacavel e nada lhe podemos oppor. Ségard, despreoccupado e sonhador, e Bastien, pratico e activo, estão no bar de um porto, onde se vão embarcar para «além», e encontram-se com a razão (elemento estático) incarnada em Hidoux, um velho philosopho, e com o amor (fixativo sentimental) representado pela criadinha Thereza. Hidoux ensina a Bastien que a liberdade é interior. E Thereza, depois de namorar romanticamente com Ségard, parte com Bastien. Nisso o aviso de *Tenacity*, que parte, e com elle a alma fraca... Triunfo dos fortes.

«O FOGO DO CEU»

Essa peça, levada no Theatro Pigalle, de Paris, foi a estrea dramatica do sr. Pierre Dominique e o exito dos mais significativos. A critica a elogia francamente. São dois actos, o primeiro inteiramente buffo, quando os conselheiros municipaes deliberam sobre o fim do mundo; o segundo, tragico, fixando os remorsos duma humanidade desnorteada, que cedeu aos mais baixos instinctos, desesperançada do futuro, á espera do cataclysmo final. Paul Grégorio, critico de *Commoedia*, fala, na primeira parte, de Shaw e, na segunda, indaga, porque não sentimos ali o poder dramatico de um Shakespeare, que arrojou tudo arrebatado? Tanto elogio dá vontade de conhecer a peça.



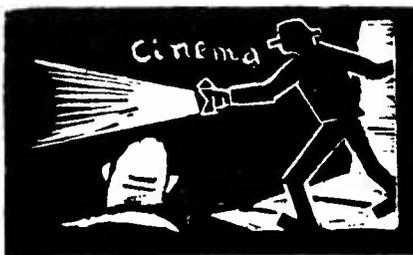
INSTITUTO PSYCHOTECHNICO PARA ALUMNOS

Publicado pelo Instituto psychotechnico de Varsovia, appareceu um estudo intitulado: *Os alumnos das escolas profissionais e os exames psychotechnicos*, que contem os resultados dos exames no curso do periodo escolar 1927-28, em 8 escolas profissionais para rapazes, das quaes 7 em Varsovia e 1 em Pruszhov. Os resultados foram transmittidos aos directores das escolas interessadas e uma grande concordancia foi verificada na apreciação

dos alumnos pelo Instituto psychotechnico e pelo pessoal docente das escolas. Os alumnos dessas se preparam para as profissões manuaes. Os resultados desses exames têm trazido grandes beneficios ao desenvolvimento e, sobretudo, á orientação do ensino profissional.

NOVO COMETA

O Observatorio de Berguedorf comunica que a 20 de Dezembro ultimo foi descoberto pelo astronomico Wick de Cracovia um novo cometa photographado em seguida pelo Observatorio de Hamburgo.



TEMPESTADES SOBRE A ASIA

O «Chaplin Club» organizou um espectáculo especial, para ser exhibido o film russo *Tempestades sobre a Asia*, depois passado em outros cinemas. É um grande film, feito sob a direcção de Poudowkine, um dos maiores directores de cinema, universalmente afamado. A montagem, a technica e a filmagem excellentes. Não tem enredo, o que o torna muito monotono, sobretudo, nas primeiras partes, que se resumem numa successão de quadros da vida miseravel dos mongoes. Os tipos são interessantes, embora a maior parte delles sejam russos. A fita é uma these, visando mostrar a infamia dos invasores europeus na Asia, no caso da Mongolia, o occupante é o inglez, que deixa de ser o colonizador intelligente e organizador de paizes, para se tornar um oppressor violento e brutal. As figuras britannicas que apparecem são todas ridiculas, quando não imbecis. Os seus processos variam da subtileza á tirannia. Esboça-se então um pequeno entrecho, para acabar na exaltação nacionalista mongol, expulsando os inglezes. O final é excellent, como realização cinematographica. Um vendaval enorme varre, simbolicamente, o invasor. Aliás, haveria o reparo do excesso de symbolismo, peculiar, todavia, ao espirito russo. A parte mais curiosa, é a representação da vida religiosa, dansas e cerimoniaes do culto mongol, na reencarnação do grande Lama. Affirma-se

CASA MODERNISTA

A exposição de uma casa modernista, em São Paulo, á rua Itapolls, construida por Gregori Warchavchik, foi um successo estupendo. Não só a architectura, mas por igual o mobiliario, decoração, obras de arte, tudo novo, criando um ambiente suggestivo de modernidade. Pinturas de Anita Mafaldi, Segall, Gomide, Di Cavalcanti, Tarsila, Cicero Dias, Bronzes, marmores e gessos de Lipschitz, Brecheret e Celso Antonio, almofadas Delaunay, moveis e luminarias de Warchavchik e livros de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Alvaro Moreyra, Mario de Andrade, Motta Filho, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Augusto Meyer, etc., etc., completavam o quadro de modernismo dentro daquela casa admiravel.

que a filmagem foi feita no local e é toda ella muito curiosa e viva. Se fosse synchronizada, o effeito augmentaria. Na interpretação, merece relevo a figura de Inkischinoff. A parte musical não é feita para o film, mas adaptação de musica em geral conhecida.

Esse film, que tem levantado tanta celeuma, na Europa, em virtude do seu lado politico, como realização cinematographica é excellent, embora aquem dos grandes films americanos, *Big Parade*, *Ben Hur*, *Rei dos Reis*, por exemplo. Muito parecido com os films alemães, *As tempestades na Asia* não trouxe nada de novo porém como realização cinematographica.



O SR. JULIO DANTAS E O FUTURISMO

Em artigo publicado, no *Correio da Manhã*, o sr. Julio Dantas, annunciando a actividade dos modernistas portugueses, com um «Salão de Independentes», este mez, a publicação de um manifesto, um cancionero de poesia ultraista e a fundação de uma «Sociedade de Arte contemporanea», mostra a mais viva sympathia por todo o movimento modernista, que denomina genericamente, como se faz entre nós, de *futurismo*. Insiste na necessidade de reformar as

velhas formulas do passado, que se tornam gastas e inúteis, não por processos lentos de evolução, mas a golpes de audacia, pela revolução e, naturalmente, pelo genio. E escreve, com um admiravel criterio e senso critico:

«A criação, porém, duma nova arte, duma belleza nova, e, designadamente, a fixação dos principios duma nova esthetica não se conseguem senão através de laboriosas tentativas, de persistentes esforços, no decurso dos quaes surge, naturalmente (temol-o visto, de ha vinte annos para cá), uma producção aberrante, paroxistica, por vezes monstruosa, que repugna á sensibilidade das maiorias, que está longe (bem longe!) de representar aquisição definitiva no dominio da arte, e que constitue tão somente a expressão da anciosa perplexidade com que um certo numero de vanguardistas, sacrificando o seu proprio talento, procura, tacteando na escuridão, o filão de ouro duma nova belleza, incerta, imprecisa, porventura inatingivel, e apenas, por nós todos, vagamente suspeitada. Essa producção, que tanto irrita o bom-senso burguez e que, por vezes, tantos pontos de contacto offerece com a arte manicomial, é — não nos esqueçamos de prestar-lhe justiça! — o preço inevitavel por que nós temos de pagar a renovação necessaria duma pintura, duma estatuaría, duma architectura e duma poesia manifestamente decrepitas.

«Tenho, pois, para mim, que, por mais extravagante que a chamada arte futurista se apresente, ella deve merecer — mais pelo seu objectivo do que, propriamente, pelas suas manifestações — o nosso reconhecimento e a nossa boa-vontade. Com uma condição, porém: a de ser sincera. Desde que haja sinceridade e convicção nos seus cultores, é indispensavel que nelles se respeite o esforço renovador que a producção ultra-modernista representa, considerando-se especialmente nessa producção os propositos que a animam. No movimento de renovação que, desde 1911, se vem realizando no dominio da arte — e, sobretudo, no dominio das artes plasticas — seria injusto não reconhecer que ha muitos obreiros sinceros, convictamente empenhados na criação de novos módulos e na definição duma nova esthetica.»

Enumera as diversas tendencias que, na Europa e nos EE. Unidos, procuram

essa reforma e, referindo-se ao Brasil, diz que esse renascimento produziu obras como as de Ronald de Carvalho, de Guilherme de Almeida e de Menotti del Picchia e conquistou espiritos superiores, como o de Graça Aranha. Depois, ajunta, com justeza, que não se pôde condemnar um movimento pelos excessos e pela insinceridade que o viciam, desfiguram e compromettem. Com essa intelligencia clara, o sr. Julio Dantas colloca o problema moderno, vendo-o com uma alta sympathia, tanto mais nobre quanto a sua arte não se despregou das fórmias passadas e não se esforça por essa renovação. Nem por isso, deixa de considerá-la util e necessaria. A nossa Academia de Letras leia e medite essa opinião, que lhe não pôde ser suspeita e não se afasta das que temos propagado e propagaremos com sinceridade e empenho. Para nós, os conceitos do sr. Julio Dantas têm o merito da sympathia, mas para muita gente terão talvez o valor incomparavel da novidade, pois, se partissem de modernos, nem lidos seriam. A differença é que o sr. Julio Dantas é um homem intelligente e do lado de lá, não só ha poucos e, dos que restam, muitos não têm a serenidade, que permite vêr claro.



«FEDERALISMO E JUCICIARISMO», DE LEVY CARNEIRO

O sr. Levy Carneiro, que é um dos nossos raros juristas, nesta época de evidente decadencia da cultura juridica no Brasil, cujo primado desapareceu com a proliferação de bachareis ignorantes, acaba de publicar um livro excellent — *Federalismo e Judiciarismo* — collectanea de trabalhos em que estuda os problemas suscitados pela reforma da nossa Constituição. Essa reforma, que era para muitos uma aspiração, no que aliás nunca conveiu o A., entusiasta da obra de 91, sabemos bem que foi uma demonstração de força da politica professional contra o idealismo liberal dos primeiros republicanos. Mostra o A. que o reformador golpeou fundo o poder judiciario, por isso que

ainda era um embaraço á ditadura do executivo, cuja consolidação se procurava e foi conseguida. A reforma, feita sob o sitio e com a imprensa censurada rigorosamente, resumiu-se num gesto de brutalidade politica. Se nada se constroe sem entusiasmo, essa obra não vingará, pois a moveram interesses estreitos, em actos de violencia, o primeiro dos quaes contra os proprios constituintes, fulminados por uma violenta reforma do regimento, que lhes impedia o debate. «Dominada por um pensamento fundamental contrario aos principios basicos de nosso regimen politico, — escreve o A. — ella é, em alguns pontos, retrograda, em outros inutil, e em geral deficiente e alheia aos maiores problemas da nossa actualidade.»

O sr. Levy Carneiro, pacientemente, procurou, no que se fez, se houve, por acaso, alguma coisa de bom, o que lhe não parece bom e o que ha de mau. Nesta ultima parte, a maior e mais numerosa, explica o despotismo do executivo, que a reforma consagrou, falseando toda a estrutura do regime. «Cresceu enormemente a força politica do Presidente, que já era enorme e avassaladora. Enfraqueceu-se o Congresso. Enfraqueceu-se o Judiciario. Enfraqueceram-se os Estados. Enfraqueceram-se as garantias individuaes.»

A reforma attentou contra todas as garantias individuaes, restringiu o «habeas-corpus», alargou as liberdades do sitio, impedindo o judiciario de conhecer dos actos do executivo, sob aquelle regime excepcional, tudo isso para favorecer o despotismo. O commentario do sr. Levy Carneiro mostra com erudição o crime perpetrado, desfigurando uma obra de idealismo politico, cuja reforma se poderia reclamar para melhor adaptá-la á realidade brasileira e não para fazer obra de retrocesso. Discutindo com firmeza, esse trabalho do sr. Levy Carneiro tem alto merito juridico, ao qual se junta o valor sociologico, dentro de uma orientação moderna e segura.

LIVROS APPARECIDOS

A Amazonia que eu vi, de Gastão Cruis; *Ensaio de Politica Internacional Americana*, de Oswaldo Furst; ... *Aos Hespanhoes Confinantes*, de Othon d'Eça.



O "Poeta Laureado" da Inglaterra

O fallecimento de Robert Bridges, o «poeta laureado» da Inglaterra, despertou grande emoção na sua patria e proporcionou motivo para o estudo desse curioso posto existente nas letras inglezas e que equivale, sem duvida alguma, á plena consagração em vida, com vantajosos vencimentos.

Robert Bridges foi um poeta que, na era victoriana, conseguiu grangear nome, devido a varios poemas em que a metrificacão rigorosamente classica corria parelhas com o espirito estritamente convencional. Não tinha o brilho de um Rossetti, de um Thomson, de um Swinburne ou de um Henley. Por isso, conhecido como era nos circulos cultos e universitarios, Robert Bridges conseguiu, depois de muitos annos, chegar á culminancia ambicionada de «poeta laureado».

É difficil dizer que em qualquer outro paiz do mundo exista tal cargo, digamos assim. Por amor á tradição, e como galardão a todos quantos se ex-

tremassem no amor ás letras, e ainda para satisfazer certos costumes universitarios, o titulo «poeta laureado» conseguiu manter-se sempre, atravez do seculo XVIII, do XIX e do XX.

Robert Bridges, que começara a carreira como medico, cedo abandonou-a para dedicar-se inteiramente ás letras. As suas producções, escriptas, parcamente, durante quasi quarenta annos de vida intellectual, ainda assim, lhe grangearam os foros de poeta notavel, se bem que Bridges, valha a verdade, nunca tivesse procurado o favor do publico. Os seus ultimos trabalhos constituem um rejuvenescimento da technica de Milton, por quem o escriptor professava a mais ardente admiracão.

O titulo de «poeta laureado» está sendo disputado por John Masefield e Rudyard Kipling. O primeiro é um poeta e um romancista de grande valor; o segundo é um nome universal, o magnifico poeta do imperialismo inglez.

gidas da *Femme Supérieure* e seu livro de notas. Manuscritos e cartas de Merimée, de Maurice e Eugénia de Guérin, George Sand, Théophile Gautier, Alfredo Vigny. Os manuscritos de Victor Hugo occupam diversas vitrines e entre suas obras a *Lenda dos Seculos*, *Notre Dame de Paris*, *Contemplações*, *Ruy-Blas*, *Odes e Balladas* e outras, acompanhadas de uma extranha profissão de fé de Hugo, em latim, cuja traducção é a seguinte: Creio em Deus, no povo, na França. 1852. Victor Hugo. Escripito com meu sangue. Manuscritos de Lamartine, entre os quaes se destacam a sua famosa e longa *Historia dos Girondinos* e a série dos historiadores Thiers e Michelet, dos sabios Cuvier, Lamaré, Geoffroy, Saint-Hilaire, Ampère, Bichat; dos sociologos e philosophos Prudhon, Saint Simon, Fourier, Augusto Conte, Victor Cousin.

Numa vitrine um manuscrito de Musset — *Dialogue de Rolla et du Grand Prêtre* e cartas a George Sand. E mais a seguir Lacordaire e Laménais, os manuscritos das *soirées* de São Petersburgo, Aparecem em seguida as partituras originaes de Berlioz, a *Symphonia phantastica*, o *Rei Lear*, a *Morte de Orpheo*, com autographos de Beethoven, Chopin, Liszt. Os precusores estrangeiros e preromanticos tambem se exhibem ao lado dos pequenos romanticos e dos jornaes de 1830, gozando da hospitalidade generosa dos seus or-

ganizadores. Foi esta a primeira manifestação commemorativa do centenario do romantismo. Esses papeis, esses volumes nas suas encadernações primitivas, medalhas e retratos em miniaturas enquadados em suas molduras de ébano, evocam um momento de vida daquelles cujas obras se vêm reunidas nas vitrines da Bibliotheca. A mesa de trabalho de Chateaubriand com os manuscritos corrigidos dos *Martyres* e das *Memorias de Além Tumulo* e mais além *Corina e Allemanha*, de Mme. Stael e assim de época em época e de genero em genero até as *Flôres do Mal* e *Madame Bovary*. É toda uma exhibição completa e curiosa, onde a emoção, na passagem de cada vitrine, de de cada manuscrito se accentúa á proporção que se evoca aquella época, o momento vivido em cada uma daquellas paginas.

Agora uma pergunta. Porque não seguir o exemplo a nossa Bibliotheca com uma exposiçào ainda que ligeira das obras dos nossos romanticos?

«DAVID GOLDER»

David Golder, um romance que foi uma revelação, tem as qualidades do grande romance que pinta com vigor e fidelidade a sociedade de um paiz. Este é o romance de uma joven, de 24

annos, a Sra. Irene Nemirovsky, filha de um banqueiro russo, cuja cabeça foi posta a premio pelos bolchevistas e que conseguindo fugir, disfarçada em camponeza, escrevia contos para se distrair. *David Golder* é o seu terceiro livro. O mundo que este romance pinta com muita precisão é o mundo dos grandes escriptorios de negocios, dos palacios que se ociosos, viciados, *detraquês*. O heroe do romance *David Golder*, um judeu que se tornou grande homem de negocios, tem uma filha que elle ama cegamente — conquanto mais tarde se saiba que não é filha d'elle — e uma esposa que não ama mais. Ambas se entretêm em gastar os milhões que elle ganha. Ganhar milhões é, porém, para elle, sua unica ambição, sua vida, sua razão de ser. No meio desse ouro, porém, David Golder se torna humano e sente a necessidade de receber em troca de seu ouro, o amor desinteressado dos seus. Mas estes já se haviam acostumado a vê-lo como um simples produtor de riquezas. Seus vicios decorrem naturalmente do dinheiro que elle espalha em profusão e David é o carrasco de si mesmo.

Desta situação a autora tira um effeito surprehendente. Este homem sem cultura, mas grande pelo seu poder instinctivo, envelhecendo se apercebe que é a primeira victima de sua paixão, quando pensava que não tinha necessidade dos outros senão para servil-a.